carioquice

publicação trimestral . ano v . n.17 . abr/mai/jun 2008
ISS 1981-6049

"Vai passar nessa avenida um samba popular"

apud Francis hime e chico buarque de hollanda

sinfonia do rio

obrigado, maestro!

publicação trimestral . ano v . n.17 . abr/mai/jun 2008
carioquice

www.ambev.com.br

NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS,

O USO DE ENERGIA SUSTENTÁVEL NA AMBEV REDUZIU AS EMISSÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE AO PLANTIO DE

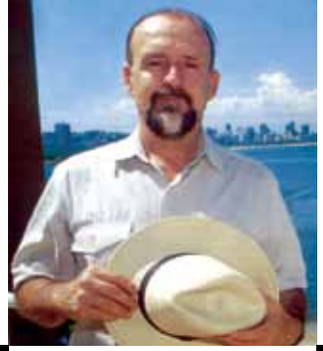
1,5 MILHÃO DE ÁRVORES.

A AmBev investe de maneira permanente na preservação ambiental. Utiliza fontes renováveis de energia, como a biomassa, que já representam 34% da matriz energética calorífica das fábricas da Companhia. Nos últimos cinco anos, reduzimos em 30% as emissões de gases causadores do efeito estufa, diretamente relacionadas ao aquecimento global. Como resultado desse trabalho, é a primeira empresa do setor de bebidas no Brasil a receber certificação da ONU para comercialização de créditos de carbono, alinhada ao Protocolo de Kyoto. É por isso que a AmBev tem tanto orgulho de comemorar essa data.

5 DE JUNHO. DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE.

AmBev

SER A MELHOR NUM MUNDO MELHOR



machado e a imortalidade

Esquina do Ricardo

"Sic transit gloria mundi" é a frase latina ostentada nos cemitérios. Significa uma verdade quase aterradora para certas vaidades inamovíveis: "Assim (com a morte) acaba a glória do mundo". Mas o tão certo (e temido) ato de morrer pode alavancar para o futuro glórias provocadas por belas obras ou grandes gestos. É o caso do escritor Machado de Assis, considerado por muitos o maior escritor brasileiro e o mais qualificado fruto da miscigenação brasileira. Costumo me referir a ela (à mistura racial) como a mais estimulante peça civilizatória do país. Pois bem, Machado — a par de obra inquestionável — foi também o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. Não, Joaquim Maria Machado de Assis não foi seu único fundador: esse mérito há que ser atribuído a dois gigantes literários de sua época e que foram Lúcio de Mendonça e Joaquim Nabuco. Ambos convidaram o já celebrado escritor para se somar ao então embrião da Academia, imaginada nos moldes da congênere francesa. Afinal, nos anos finais dos novecentos (1898), a França era modelo irretocável do belo, do bom, do desejado.

O Rio de Janeiro de Machado era, portanto, francês. É de se imaginar — numa sociedade preconceituosa e frívola como a carioca do final do século XIX — um mulato, filho de lavadeira, em ascensão sociocultural. Uma escalada que o levaria, em pouquíssimo tempo, ao topo do sucesso, à culminância da glória literária no Rio, capital cultural indiscutível e sem concorrente.

Machado, cujo centenário de morte está sendo evocado neste 2008, é igualmente disputado na cadeira que ele criou na ABL, a de nº 23, vaga pela morte da memorialista Zélia Gattai, que sucedeu o marido ilustre, o escritor Jorge Amado.

Pasmem, mas a procura pela imortalidade, ou para ser preciso, pela cadeira do grande escritor da língua portuguesa neste lado do Atlântico, soma 22 candidatos.

Fato inédito, nunca visto antes na Casa. Provocado, quero crer, pela aura de mito, de sortilégio, de qualidade da obra do maior mulato do Brasil.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 17 ABR/MAI/JUN 2008
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

4 Partitura carioca

10 Caleidoscópio musical

18 Menus musicais do ICCA

24 Todas as trilhas do Rio

32 Um banho de voz

Do bem comer e melhor beber

36 O novo quitute do Rio

Causos & Letras

42 João Luiz de Albuquerque – O senhor de todas as histórias

52 Ana Ramalho – A colunista nossa de cada dia

Saga Carioca

58 Se minha cadeira falasse

Magia do Olhar

64 Sonata das cores

Cidade Maravilhosa

78 O segundo time de todos os cariocas

Embaixador do Rio

84 Um carioca xenófobo
Por Wanderley Guilherme dos Santos

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Marcelo Carnaval

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Gilberto Assemany
- Gracinha Melo
- Henrique Luz
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Jorge Goulart
- José Louzeiro
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Marcelo Carnaval
- Marcilio Marques Moreira
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oduvaldo de Azevedo Braga
- Olivia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Direito Menezes
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

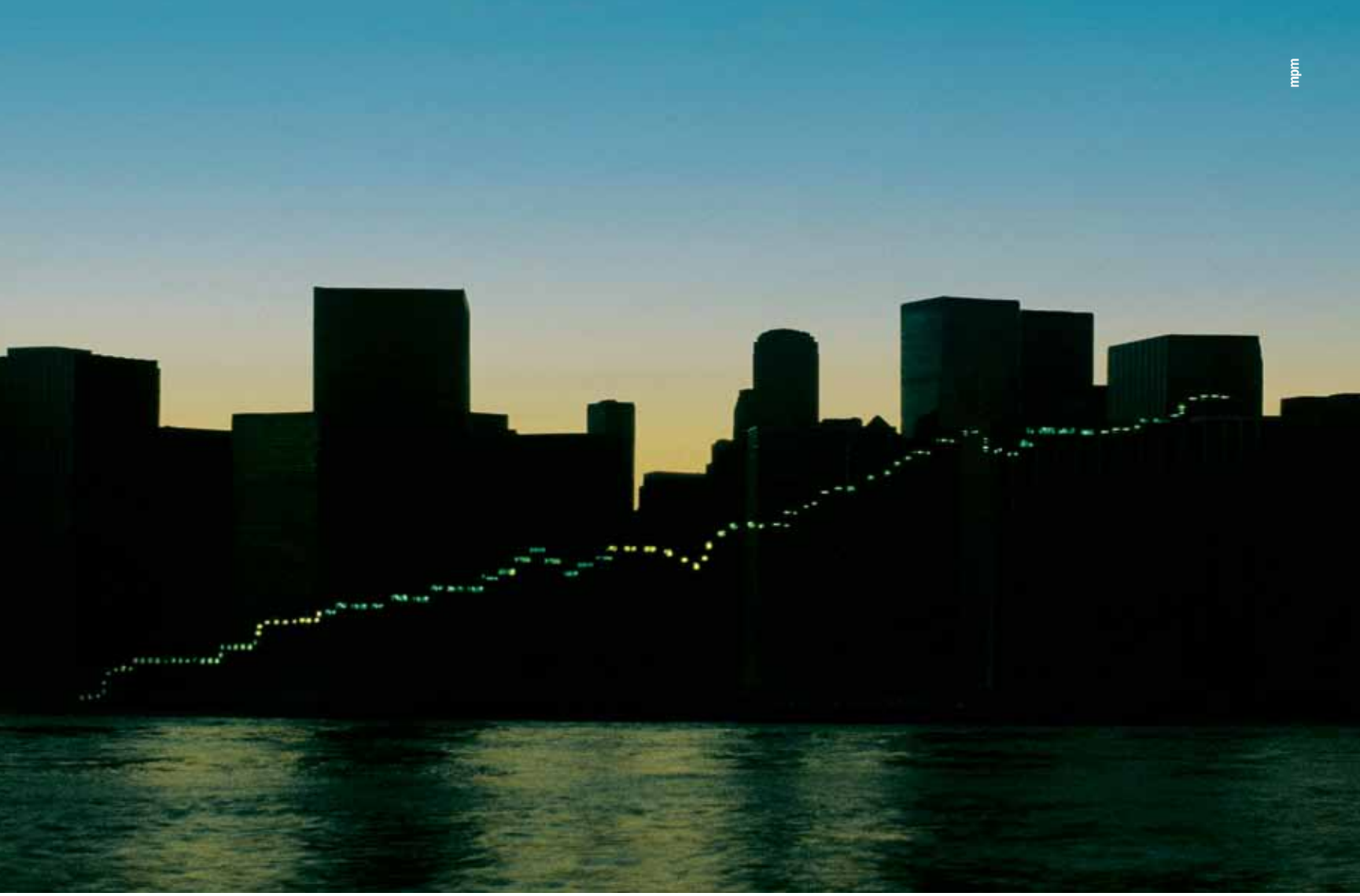
www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)

Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br

www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br



Sustentabilidade. Neste assunto uma empresa de energia precisa estar anos-luz à frente. Como a Light.

Depois de uma grande virada em sua história, a Light ocupa hoje não só um lugar de destaque na geração, distribuição e comercialização de energia, mas em bons negócios também. E para a Light um bom negócio tem que ser bom para o meio ambiente, para os clientes e, principalmente, para você.

Light. Uma das empresas premiadas com o Top Social 2008. Um reconhecimento às suas práticas de responsabilidade ambiental e sustentabilidade empresarial.

LIGT3 NOVO MERCADO BOVESPA · BRASIL

ISE Índice de Sustentabilidade Empresarial Carteira 2007-2008

www.light.com.br

O RIO **É LIGHT**

Light

Partitura carioca

por **vera de souza**

Nosso maestro já morreu de medo do banquinho giratório do piano Steinway que o acompanha até hoje. Tinha 6 anos, quando foi estudar piano obrigado pela mãe. Os anos passaram, entrou para o Conservatório Brasileiro de Música e depois se aperfeiçoou na Suíça e nos Estados Unidos, revelando-se um dos melhores compositores de sua geração. O dono da batuta se chama Francis Hime. Ele nos faz lembrar Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim. Até porque sua monumental Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião é uma contraface temática da sinfonia do Rio de Tom e Billi Blanco. Maior elogio, impossível!

Ele agora prepara sua primeira ópera, cujo tema é futebol. Ao mesmo tempo que conclui um novo disco ainda para esse ano, o Álbum Musical número 2 e já pensa no próximo CD, só de inéditas e com novos parceiros como Luiz Carlos da Vila, que lançará em 2009, quando fará 70 anos. Assim é o maestro, compositor e arranjador Francis Hime, que transita com elegância entre o popular e o erudito na música popular brasileira.

"Nunca pensei em ser um instrumentista erudito e comecei a compor de farra, quando conheci o Vinícius. Mas pouco a pouco, a música foi tomando conta da minha vida profissional. E quando recebi meu diploma de engenheiro, eu disse, agora vou ser músico."

O encontro com Vinícius, um de seus muitos parceiros, se deu em uma festinha em casa, quando ele tinha 16 anos. Vínicius era muito amigo da pintora Dália Antonina, mãe de Francis. No dia ele tocou uma das composições do poeta, a valsa 'Eurídice'. "Ele ficou encantado, dizendo que eu levava jeito e falou com minha mãe que eu devia dar continuidade nos estudos", relembra.

Isso foi pouco antes de Francis seguir para a Suíça, onde deveria cursar engenharia. Anos mais tarde, no verão de 1962 para 1963, voltaram a se encontrar. A família de Francis sempre ia para Petrópolis e nessa época, Vinícius era casado com Lucinha Proença, que também tinha uma casa na serra. Resultado é que todos os finais de tarde se encontravam para tomar um uisquinho e foram ficando muito próximos e Francis passou a conhecer todo o pessoal de música: Carlinhos Lyra, Baden, Tom. Naquele verão fariam sua primeira música juntos, ' Sem mais adeus'. E logo se seguiram outras, dessa vez com Ruy Guerra.

"Em 1969 eu ia lançar o primeiro disco, que tinha minhas primeiras parcerias com Chico Buarque ("Atrás da porta" e "Valsa Rancha"). Já estava tudo pronto com o João Araújo, mas ele mesmo disse que era melhor eu viajar sem contrato, livre. Na volta, acabei fazendo o disco com a Odeon"

"A aproximação com Vinícius foi fundamental. Se não tivesse acontecido isso, talvez eu não seguisse a carreira de músico", conclui.

Francis é da segunda geração da Bossa Nova, ao lado de Edu Lobo, Dori Caymmi e Marcos Valle. "Eu e Edu éramos muito próximos, inclusive Edu namorou a Olívia antes de mim e eu namorei a Wanda (Sá)", risos

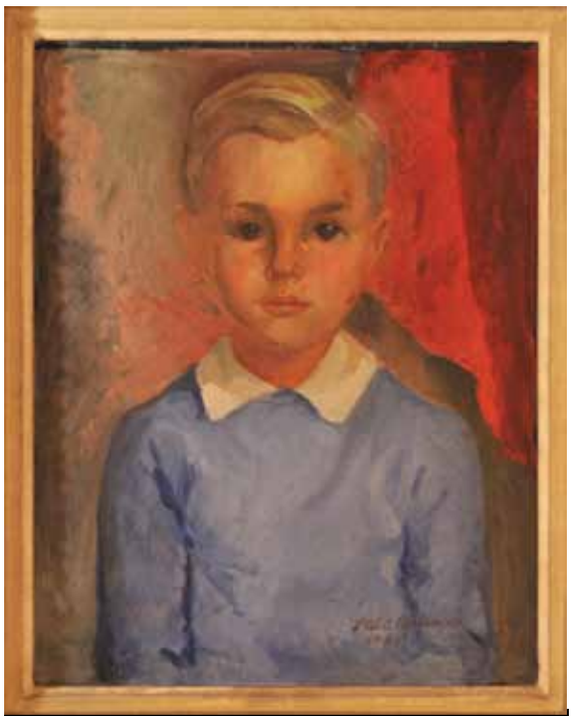
O primeiro disco, no entanto, só viria em 1973. Em 1969, logo que se formou, casou-se com Olívia e o sogro ofereceu aos dois um ano nos Estados Unidos para aperfeiçoarem os estudos. Acabaram ficando quatro. "Em 1969 eu ia lançar o primeiro disco, que tinha minhas primeiras parcerias com Chico Buarque ("Atrás da porta" e "Valsa Rancha"). Já estava tudo pronto com o João Araújo, mas ele mesmo disse que era melhor eu viajar sem contrato, livre. Na volta, acabei fazendo o disco com a Odeon."

Mas os anos passados nos Estados Unidos não poderiam ter sido melhores. Francis estudou orquestração com Lalo Schifrin, regência com Friedwald — que foi professor de Quincy Jones —, além de ter tido aulas com Paul Glass.

Antes de ir para os Estados Unidos, Francis já tinha feito uma trilha para cinema, do filme "O homem que comprou o mundo", de Eduardo Coutinho. "É curioso porque tinha uns 20 temas e, normalmente só se trabalha com um ou dois. Na época não conhecia direito música de cinema e esse conhecimento eu passei a ter com o Lalo Schifrin, que ilustrava as aulas com as suas trilhas e pedia que nós escrevêssemos uma música para uma cena. Quando eu voltei pude aplicar aqui. Fiz logo a 'Estrela Sobe', do Bruno Barreto; depois 'Lição de Amor', do Eduardo Escorel; depois 'Dona Flor e Seus Dois Maridos, já numa produção mais ambiciosa, com uma orquestrinha; 'A Noiva da Cidade', de Alex Viany; 'Marcados para Viver',

da Maria do Rosário e 'Maria e Marilia', do Luiz Fernando Gullar.

Fiz alguns filmes e fiz alguma em teatro também, sendo a mais importante 'O rei de Ramos', do Dias Gomes. Fizemos eu e Chico. Tínhamos uma pequena orquestra de 12 músicos no João Caetano. Ficamos oito meses em cartaz com teatro lotado, 800 pessoas em média por dia.



Quadro feito pela mãe de Francis, Dália Antonina, quando ele começou os estudos de piano, aos seis anos. O quadro foi capa do disco "Sonho de Moço", de 1981.

Sucesso enorme. Eu tenho vontade de voltar a fazer trilhas para cinema, nunca mais fiz, mas é só me convidar que eu vou.(rsss)".

Na volta dos EUA, Francis engrenou a carreira de músico popular e a música clássica ficou em segundo plano. "De uma certa forma, aquele estudo obrigatório na infância, me deixou um pouco brigado com a música erudita. Muito embora tenha começado a escrever algumas composições de câmara, sob a supervisão de Paul Glass".

Talvez essa tenha sido a semente do que veio a acontecer em 1986, quando a convite do maestro Benito Juarez, de Campinas, Francis compôs a Sinfonia nº 1, que foi apresentada em alguns lugares do país e que o próprio Francis, em 1993, regeu essa sinfonia, à frente da OSB. "Acho que de lá para cá, os dois estilos foram convivendo harmoniosamente. Às vezes se cruzando", revela.

A partir daí, as incursões pela música clássica começaram a florescer. Em 1988, a "Cantata carnavais", a partir de um poema escrito por Geraldo Carneiro, em 1997, a partitura sinfônica de "Terra Encantada" e, em 2000, compôs a "Sinfonia do Rio de Janeiro de São Sebastião", gravada ao vivo (CD/DVD) no Theatro Municipal do Rio, para celebrar os 500 anos do Brasil. A sinfonia, já exibida em Paris pela Unesco, foi incluída em DVD no livro "Tones and Sounds of Rio de Janeiro of Saint Sebastian", do Instituto Cravo Albin, que está sendo distribuído pelo Itamaraty em todas as embaixadas do Brasil pelo mundo. O primeiro lançamento, há um mês em Washington, exibiu a sinfonia, comentada por R. Cravo Albin, também autor do libreto. E ainda há o inédito "Concerto para violão e orquestra", que deverá ser apresentado pela OSESP no próximo ano. "O Rafael (Rabello) era o solista desse concerto, mas morreu seis meses antes de ficar pronto. E agora será tocado por Fábio Zanon, em São Paulo."

Nesse mês, Francis está em estúdio onde vem gravando a "Ópera do futebol". "Eu tinha idéia de fazer um balé sobre futebol e a Silvana Gontijo já tinha a idéia da ópera. Juntamos as forças e ela escreveu o libreto e eu musiquei. É uma ópera em quatro atos com duração de duas horas e pouco. A montagem está prevista para o ano que vem."

Enquanto termina a gravação da opera, Francis prepara a continuação de Álbum Musical, resgatando algumas músicas, com novos intérpretes. "O disco de inéditas sairá no ano que vem. E já tenho até um novo parceiro, Luiz Carlos da Vila. Mas deve ser alguma coisa na linha de 'Arquitetura da flor', com uma produção mais econômica. Gostaria de ter um patrocínio para fazer algo mais ambicioso, com uma orquestra. Afinal, ano que vem faço 70 anos e é um bom pretexto", risos.

Caleidoscópio musical

POR KELLY NASCIMENTO

O camaleão do mundo das artes, Eduardo Dussek, atua nas 11, sem perder o fôlego jamais. É cantor, compositor, pianista, diretor de espetáculos, diretor musical, ator e teatrólogo. Na memória coletiva do Brasil, uns se lembram dele ao pegar emprestado os balangandãs de Carmem Miranda; outros se recordam de sua insinuação provocativa: "Troque seu cachorro por uma criança pobre". No universo de Dussek, o bom humor é combustível e a metamorfose é a essência.

Dussek encaixa-se perfeitamente no que se chama de "talento precoce": aos 8 anos, estreou no mundo artístico com a composição "A baianinha", em homenagem a Carmem Miranda. A marchinha de carnaval é resultado de sua primeira visita ao Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1965, onde o menino de Copacabana descobriu a figura da Pequera Notável. Ricardo Cravo Albin tinha acabado de inaugurar a primeira exposição com os Baús de La Mariranda, berço do futuro museu no Aterro do Flamengo para Carmem. Isso lhe renderia inspiração para seus futuros trabalhos.

A infância de Dussek foi musicalmente eclética. "Meus pais ouviam bossa nova, jazz e música clássica, meus irmãos, Beatles e Rolling Stones, minha irmã gostava de samba e soul, meus primos, de música americana; as empregadas ouviam samba, forró, bregas e boleros. Minha formação foi totalmente eclética, aprendi a gostar de boa música, que tenha qualidade, independente do gênero", recorda. Essa foi a trilha sonora que o acompanhou de Copacabana até a subida do Alto da Boa Vista, para onde a família se mudaria no fim dos anos 60.

O novo bairro impulsionou o intercâmbio musical nos ouvidos de Dussek. O Alto da Boa Vista concentrava os amantes da bossa nova sofisticada, entre eles suas professoras de piano, Alaíde e Denise Sampaio. O convívio com a garotada da Tijuca era movido a rock'n'roll e dos morros do entorno (Borel, Formiga), ouvia-se samba de raiz. Dessa época, só boas recordações. "Minha memória vem do Rio dos anos 60, que é o Rio da minha infância. A Avenida Atlântica de mão dupla, com uma pista só e eu sonhando em ser playboy e ter um carro conversível!!!(risos). O subúrbio parecendo uma roça gostosa, a Praia de São Conrado deserta, onde fazíamos piqueniques; depois quando mudamos pro Alto da Boa Vista, o Morro do Borel parecia uma fazendinha, todos se conheciam, tinha amigos lá... à noite ouvíamos batuques ao longe...

"Minha memória vem do Rio dos anos 60, que é o Rio da minha infância"

a Barra da Tijuca era um deserto, um areal... o Centro da cidade era chique e despreocupado... eu ia sozinho pra escola de música, com 10 anos de idade. Ipanema era um bairro de sonho e badalação...tudo na cidade lembrava o Rio ainda dos anos 30, 40, 50...Hoje é um outro Rio, não é mais dos cariocas...misturamos todas as tendências e estilos com a superpopulação...não sou saudosista, vivo a realidade, mas só tenho uma saudade maior de uma coisa: do estilo carioca que se perdeu... o bom humor, a malemolência e a sensualidade saudável...a ausência dessas baixarias cotidianas e urbanas da atualidade!"

Sua verdadeira imersão no mundo artístico se daria no início da década de 70. Aos 15 anos, mudou-se para um apartamento em Botafogo, uma comunidade de artistas que se transformou num centro cultural alternativo. Foi lá que, ao lado do ator Luiz Fernando Guimarães e do diretor e autor teatral Luiz Antonio de Cássio, começou a produzir peças e show musicais para uma platéia de intelectuais, hippies, artistas e gente antenada — como Gilberto Gil. Daí para a frente, Dussek não pararia mais.

Na peça "As desgraças de uma criança", Dussek trabalhou como pianista e dividiu palco com nomes como Marieta Severo, Marco Nanini e Wolf Maia. Viajou o Brasil inteiro e ficou três anos em cartaz. Na seqüência, participou — como ator — da peça "A dama das Camélias", com o papel de Gaston, o melhor amigo da protagonista. Nessa época, estreou seu primeiro show musical, no emblemático Teatro Opinião. Foi a primeira vez que subiu a um palco na condição de cantor popular, descobrindo-se "viciado em música". Não por acaso, esse foi um dos (vários) momentos marcantes de sua carreira. "Minha estréia, apadrinhado por Gilberto Gil, num projeto alternativo no Teatro Opinião, com a platéia lotada de gente da MPB foi inesquecível. Outros momentos

memoráveis foram a noite do festival da TV Globo, em que virei uma figura conhecida nacionalmente; o show "Cantando no Banheiro" para um Maracanãzinho lotado; eu cantando Villa-Lobos com a OSB, conduzidos por Karabitchevisky, no Projeto Aquarius, na Quinta da Boa Vista; o comando do Réveillon de 2007, na Praia de Copacabana e a estréia do musical Sassaricando, há quase dois anos".

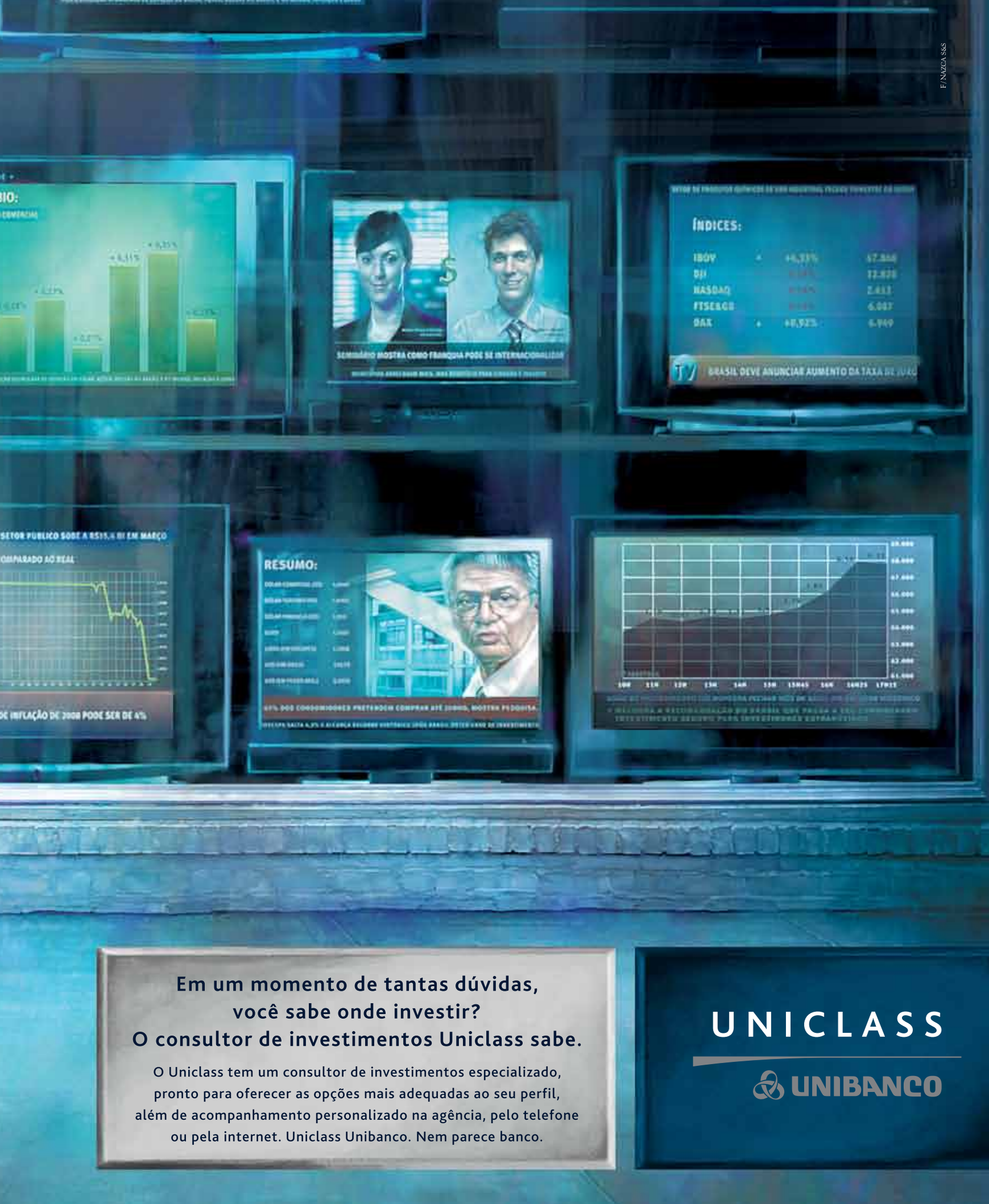
Nessas andanças musicais, conheceu o produtor Nelson Motta. O encontro lhe rendeu um convite para escrever música para as Frenéticas. Dussek criou então "Vesúvio Tropical", gravada pelo grupo em 1978. Dois anos depois, foi apresentado para o grande público no Festival MPB da TV Globo, interpretando "Nostradamus". Com um figurino inusitado — fraque, cueca e asas de anjo! — conseguiu levantar o Maracanãzinho. O primeiro LP não tardaria a chegar: em 1981, lançou "Olhar Brasileiro", pela Polygram. O álbum foi marcado pelo ecletismo, indo do rock ao samba, passando pelo funk. Tudo com uma boa levada de deboche.

Começou, então, uma fase fértil como compositor, trabalhando ao lado de grandes nomes da MPB: Maria Bethânia, Erasmo Carlos, Emílio Santiago... "Sim, tenho algumas parcerias, mas gostaria de ter muito mais, sou meio 'gauche', às vezes, meio arredio, tenho 'clientes' de minhas canções, como Ney Matogrosso, Adriana Calcanhoto e Zizi Possi. Sou amigo de todo mundo, mas torço pra que descubram mais minhas músicas, vou adorar vê-los cantar minhas canções. Um dia eu chego lá!"

Mais uma vez entre grandes nomes da música brasileira, Dussek participaria, em 1982/1983, do movimento "Rock Brasil" — ao lado de Cazuza e das bandas Blitz, Barão Vermelho, Lobão e João Penca e Seus Miquinhos Amestrados. Nessa época gravou o disco "Cantando no Banheiro" e partiu em turnê. Mais uma vez, lotou o Maracanãzinho. E fez do "Rock da Cachorra", com seu refrão "troque seu cachorro por uma criança pobre", ecoar Brasil afora.

"Tenho vários 'clientes' de minhas canções, como Ney Matogrosso, Adriana Calcanhoto e Zizi Possi. Torço para que outros descubram minhas músicas. Vou adorar vê-los cantar minhas canções. Um dia eu chego lá!"

DÓLAR:
PARALELO
COMERCIAL
TURISMO
GRAU DE INVESTIMENTO DITA MAIOR ALTA DA ERA LULA NA BOVESPA
ATING DO BRASIL ESTÁ SOB "REVISÃO ATIVA"
LULA QUER DECISÃO NESTA 4A SOBRE AUMENTO DO NA
MERCADO EM FORTE ALTA
BRUNO RODRIGUES
SUPERAVIT PRIMÁRIO DO
TV


F/NAZCA S&S
ÍNDICES:
IBOV
DJI
NASDAQ
FTSE&GS
DAX
BRASIL DEVE ANUNCIAR AUMENTO DA TAXA DE JURO
SEMINÁRIO MOSTRA COMO FRANQUIA PODE SE INTERNACIONALIZAR
SETOR PÚBLICO SOBE A R$15,6 BI EM MARÇO
COMPARADO AO REAL
DE INFLAÇÃO DE 2008 PODE SER DE 4%
RESUMO:
67% DOS CONDOMÍNIOS PRETENDEM COMPRAR ATÉ 2008, MOSTRA PESQUISA.
Em um momento de tantas dúvidas,
você sabe onde investir?
O consultor de investimentos Uniclass sabe.
O Uniclass tem um consultor de investimentos especializado,
pronto para oferecer as opções mais adequadas ao seu perfil,
além de acompanhamento personalizado na agência, pelo telefone
ou pela internet. Uniclass Unibanco. Nem parece banco.
UNICLASS
UNIBANCO

De lá pra cá, vem revezando as carreiras de ator e cantor. "Isso é fácil e difícil ao mesmo tempo. Fácil tecnicamente, pois sei passar de uma arte pra outra, e difícil em termos de agenda: há uma briga financeira e de calendário muito seria; fica complicado conciliar os interesses das duas partes", pondera. E ainda acha tempo para compor trilhas para novelas – como "Guerra dos Sexos", "Bebê a bordo", "Que Rei Sou Eu?", entre outras. Como se não bastasse, Dussek resolveu também atuar em novelas. Em 1996, interpretou o vilão Capitão-mor Gonçalo, em "Xica da Silva', na TV Manchete. Voltaria a atuar em "A Lua me Disse" e "Bang Bang", ambas da TV Globo. Ecletismo parece ser mesmo a tônica na carreira de Dussek. Será? "A melhor definição para Eduardo Dussek é alguém que precisa desesperadamente evoluir como ser humano, como artista, como espírito, vim ao mundo muito primitivo, quase um animal!!!", diz entre risos.

Mas, afinal, como foi construída essa persona artística multifacetada? "Vem da minha natural curiosidade sobre as diversas formas de arte. Estudei piano e teoria musical, canto e artes cênicas, desenho e pintura, sempre me interessei por literatura e teatro; nos cursos superiores, comecei arquitetura, licenciatura em música e cursei os primeiros anos de regência...mas justamente pela minha inquietação, pela personalidade instável, acabei não terminando os cursos e me transformei num profissional multifacetado, como você diz... hoje em dia posso ser cantor, ator, diretor, apresentador, mestre de cerimônias, escritor, fazer projetos de arquitetura, pintar quadros ou desenhar cenários...posso não ser um especialista, mas sei que não vou morrer de fome!!!", brinca.

Pois a diversificação é um dos segredinhos que mantêm Dussek por várias décadas no cenário cultural brasileiro. "É preciso diversificar, pra não enjoar. Estar sempre aceitando o que vem de novo, pra poder crescer. Não se expor demais e saber que a felicidade não está em ficar na mídia o tempo todo, mas passar sua imagem de dignidade e profissionalismo. Não achar que você é o centro do mundo, já que não nasceu Roberto Carlos, Caetano, Bethania, Chico ou Fernanda Montenegro!!!"

Em 2000, Dussek registrou mais um sucesso arrebatador, novamente homenageando sua musa inspiradora desde a infância, foi quando montou o show-comédia "Carmem Miranda by Dussek", que ficou em cartaz em teatros do Rio e São Paulo. Seis anos depois, ganhou novamente o Rio com o hilário "Dussek de Quinta". Estrelou, ainda, outro sucesso: o musical "Sassaricando". "Muita coisa foi feita, mas há um mundo por fazer, produzo, produzo, mas as coisas não rendem tanto, acho que é o signo de capricórnio, essa coisa lenta, um horror!!!(risos) Tenho muito trabalho a realizar e a impressão que tenho é que estou apenas no começo. Acho que terei que me aposentar com 90 anos, se Deus me deixar viver até lá e se esse mundo ainda não tiver explodido, como previu Nostradamus!!!"

A mais nova empreitada dessa metamorfose chamada Dussek será em película. Em breve, ele estará nas telonas no filme "Federal", de Eric de Castro, premiado no Sundance Festival. "Foi uma estranhíssima e maravilhosa experiência. Fazer um vilão sempre é estimulante. Vivi isso na novela "Xica da Silva" e agora em "Federal". O diretor, Erick de Castro, me pediu um cara calmo, sereno e profundamente cruel!!! Faço um traficante mauricinho, filho de classe média alta, corrompido e sanguinário, perseguido por policiais, vividos por Selton Mello e Carlos Alberto Ricelli. Um climão, o tempo todo, uma tensão constante: muito tiro, muita matança, muito sangue e muita realidade. Completamente distante das comédias leves que costumo fazer". E assim segue Dussek, essa caixinha carioquíssima de surpresas.

Nem todo combustível é transparente.
Mas todo posto deveria ser.

Combustível Legal **é um programa de qualidade criado para mostrar de forma transparente a origem e características do combustível adquirido e comercializado. O programa consiste em receber o combustível na presença de um cliente, caso esteja disponível no local, que é convidado a participar quando o caminhão de entrega chega ao posto. O cliente participa de todas as etapas operacionais e de segurança, além de acompanhar os testes de qualidade que atestam se o combustível está adequado para ser recebido.**

Combustível para sua vida.

Menus musicais do ICCA

por Kelly Nascimento

Muitas são as esquinas da vida onde música e bebida se cruzam. A partir de julho, o Instituto Cultural Cravo Albin e a Escola Mar e Vinho serão mais uma dessas frutíferas e maviosas encruzilhadas. Da reunião do pesquisador musical Ricardo Cravo Albin e do crítico de vinhos Marcelo Copello nasceu o projeto "Menus Musicais do ICCA". As águas vão rolar!

A idéia é conjugar o melhor da MPB à degustação de vinhos e cachaças brasileiras de qualidade. Para alcançar o objetivo, Ricardo foi no parceiro certo para aliar seus conhecimentos musicais. Marcelo Copello foi o primeiro brasileiro a ter uma coluna de vinhos na Europa — na "Revista de Vinhos", de Portugal. Copello já ministrou centenas de cursos, palestras e degustações no Brasil e no exterior. É autor de três livros de sucesso ("Vinho & Algo Mais", "O Diário de um Náufrago em um Mar de Vinho" e "O Vinho para quem tem Estilo"). "O ICCA é uma casa de fruição. Afinal de contas, música é fruição; é feita por pessoas com abertura para todos os sentidos. Logo, o Instituto não podia ficar longe da gastronomia", explica Ricardo.

Esta não será a primeira incursão do Instituto aos prazeres da mesa. "Já temos a tradição de servir, em almoços e jantares que promovemos, bons vinhos, sempre procurando uma relação custo-benefício bastante justa", observa Ricardo. E no primeiro encontro "Carioquice" promovido pelo Instituto, o prato principal foi o Picadinho da Mãe do Bispo. "Reunimos, na ocasião, o publicitário Lula Vieira, o jornalista político Villas-Boas Corrêa, o fundador e ex-presidente do Companheiros da Boa Mesa, Reinaldo Paes Barreto, a carismática pastora da Velha Guarda da Portela, Tia Surica, e o ex-editor da revista Época Thomas Traumann. E a farofa da *chef* Selma foi escolhida a melhor do Rio", diverte-se lembrando.

Experimentações gastronômicas cariocíssimas

Depois do picadinho, a idéia de unir os prazeres da música e da mesa ficou rondando. Até o suflê de berinjela defumada com camarões secos e frescos foi batizado pelo ICCA de "Nélida Piñon" ou uma mousse de caju descontruído, e tomou o nome de sua máxima apreciadora "Vivi Nabuco". "Sempre tendo em mente a meta de aliar a severidade do saber acadêmico ao prazer", completa. Daí veio a proposta do Bistrô Carioquice de Experimentação Gastronômica, que reuniria pratos cariocas recriados acompanhados por vinhos de grande qualidade indicados por *chefs*. "A coisa não foi para

Villas-Boas Corrêa, Reinaldo Paes Barreto, Tia Surica, Lula Vieira e Thomas Traumann

"No primeiro encontro "Carioquice" promovido pelo ICCA, reunimos, na ocasião, o publicitário Lula Vieira, o jornalista político Villas-Boas Corrêa, o fundador e ex-presidente do Companheiros da Boa Mesa, Reinaldo Paes Barreto, a carismática pastora da Velha Guarda da Portela, Tia Surica, e o ex-editor da revista Época Thomas Traumann. E a farofa da *chef* Selma foi escolhida a melhor do Rio"

Ricardo Cravo Albin

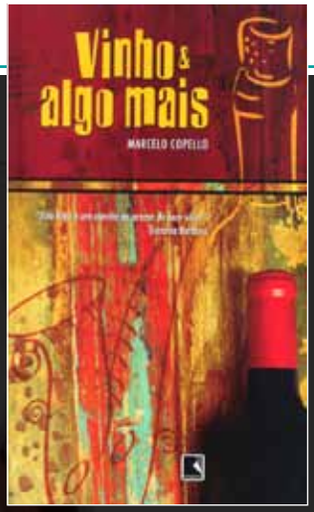
Marcelo Copello

a frente. Os jantares seriam eventos caríssimos, no terraço — com vista para a Baía e Praia da Urca — ou no Largo da Mãe do Bispo, dentro da floresta. Resolvemos, então, partir para esse convênio do ICCA com Marcelo Copello, um jovem acadêmico especialista em bebidas, a fim de imaginar menus e degustações etílico-musicais".

O evento terá início na escola "Mar e Vinho", que Copello inaugura em julho na Rua Buarque de Macedo, no Flamengo, com o intuito de formar não só *sommeliers* mas também público apto a degustar um bom vinho. "Ninguém vive só de um sentido ou só de um prazer. O bacana dessa parceria é justamente unir duas formas de arte e cultura para atingir um público maior. É importante falar a linguagem das pessoas, falar para o músico em sua linguagem. Por exemplo, a escala maior corresponde à acidez do vinho; e o ritmo é o álcool no vinho", compara Copello.

Tanto a Mar e Vinho quanto o ICCA sediarão o evento; a primeira, pequenas recepções e o segundo, as maiores. E a cachaça terá lugar garantido nos dois. "Hoje a cachaça é um produto superior para o Brasil. A exportação é uma realidade concreta. Temos de nos despir do velho preconceito. Assim como o vinho, há cachaça de má e boa qualidade. É esta que nos interessa. O nome "aguardente" sofre forte preconceito. Mas se traduzimos para o francês — "eau de vie" — fica chique", diz Ricardo. Ele ainda lembra que a "marvada" é tema de mais de 50 músicas do acervo da MPB.

Os "Menus Musicais do ICCA" serão realizados num intervalo de 20 a 30 dias, sempre atraindo apreciadores de música e bebida. "Ruy Castro, por exemplo, não bebe mais, mas tem histórias deliciosas para contar. Outros nomes interessantíssimos são Sérgio Cabral, João Máximo, Ed Motta e Charles Gavin. Vamos mapear todos os nomes afins", adianta o patrono do ICCA.



Vinho & Música

trecho do livro "Vinho & Algo Mais"

Quando se menciona a combinação ou harmonização de um vinho, supõe-se que seja com comida. Saber harmonizar vinhos e alimentos com ciência é o ápice de uma educação eno-gastronômica. Mas por que não ir além e acrescentar mais complexidade a esta experiência sensorial? Já é notório que alimentos e bebidas evocam a todos os sentidos, menos a audição. A lenda nos conta que Dionísio, deus grego do vinho e da fertilidade, teria inventado o tilintar dos copos para evocar este sentido, único ausente da degustação de um bom vinho. Teria sido essa a origem do ato de brindar.

Nossos ouvidos, contudo, merecem não apenas o som do brinde, mas boa música. O vinho é a mais abrangente das bebidas, a que tem maior variedade e nuances. É a que mais apela ao cérebro e ao coração.

A música, por sua vez, é a mais pura das artes, não tem substância. Evoca estados da alma não descritos pela literatura ou mostrados pelas artes plásticas. A música não nomeia coisas, como a linguagem verbal faz, nem tem uma forma visível ou palpável, como uma escultura. Por esta razão penetra mais facilmente em nossa mente, ultrapassando barreiras defensivas da consciência.

A música através do som imaterial, e o vinho, através dos sentidos, nos tocam diretamente o intelecto e os sentimentos. Por estes motivos ambos despertam paixão e ódios inexplicáveis. A música é ao mesmo tempo nítida, porém invisível e impalpável. É corporal, física, mas por estas características é a arte que mais se aproxima da metafísica. As dissonâncias, na Idade Média, eram proibidas, pois poderiam invocar o demônio. A música é a ponte entre o mundo material e o mundo espiritual e invisível.

O vinho, por evocar os sentidos, seria o complemento perfeito para a boa música. Assim como a lira, o nobre fermentado nos emociona. Alguns nos entusiasmam, outros nos intrigam, alguns nos trazem lembranças, outros surpreendem. Degustar vinho ouvindo música seria, então, uma maneira de tornar a emoção mais completa e complexa.

Assim como harmonizar ostras com Chablis ou Sauternes com foie gras, algumas combinações de vinho e música poderiam se tornar clássicas, como tomar Champagne ouvindo standards de Cole Porter. Esta seria uma harmonização pelo glamour. Os standards do compositor americano

embalaram as grandes festas da Belle Époque, regadas com o nobre espumante. Sem mencionar o fato de uma de suas mais famosas composições "I Get a Kick Out of You", imortalizada na voz de Sinatra, mencionar a bebida.

Outra combinação candidata a se tornar um clássico é degustar um Bordeaux Grand Cru Classé ouvindo Beethoven. São clássicos entre os clássicos, síntese do vinho e síntese da música. Como uma versão moderna dessa harmonização, poderíamos apreciar um grande Cabernet Sauvignon californiano ao som de jazz. Aqui se fala em criações mais contemporâneas, dois clássicos surgidos no século XX.

Pode-se harmonizar também por similaridade, como se faz ao servir vinho doce com a sobremesa. Usando este princípio, poderíamos degustar um Shiraz australiano ouvindo rock and roll. Ambos potentes, não ortodoxos e, de certa forma, rebeldes. Seguindo essa linha, as combinações podem ser muitas. Um grande Borgonha tinto com um de meus compositores prediletos, Chopin. São, vinho e música, finíssimos, complexos e inspiradores. Para os Borgonhas brancos amanteigados, a voz da cantora Sade, uma combinação sensual e smooth.

E o que ouvir degustando um bom Rioja? Eu acionaria play na manjada "Habanera", da ópera "Carmem", de Bizet. Um pouco de exotismo cigano para harmonizar com os aromas de especiarias e carvalho do vinho.

Para o ritual que exige um Porto Vintage, algo solene como canto gregoriano. Com um Sauternes, Bach. Sua religiosidade, mostrando a grandiosidade do universo e pequenês do humano são adequadas ao vinho de meditação dourado de Bordeaux.

Para os vinhos realmente grandes, aqueles que transcendem a condição de bebida e alcançam a de obra de arte, recomendo simplesmente degustar em silêncio. Arte é o absoluto, não pode ser mensurado ou comparado. Então, para degustar obras de arte, recomendo absoluto silêncio.

As possibilidades são infinitas. Afinal, quantos tipos de vinho há no mundo? Quantos estilos musicais? How deep is the ocean? How high is the sky? Quantos são os sentimentos? Não espero que as pessoas concordem com minhas combinações, mas façam as suas próprias. Seja qual for seu estado de espírito, sempre haverá um vinho e uma música adequados.

TIM
Viver sem fronteiras
A TIM acredita que a tecnologia é apenas o seu ponto de partida.
Porque o mais importante é o que você vive.
VIVER ALÉM DA TECNOLOGIA.
LEW'LARA\TBWA

Todas as trilhas do Rio

por **Mônica Ramalho**

Imagine o Pão de Açúcar multiplicado 120 vezes! Esta é extensão das mais de duzentas fitas cinematográficas musicadas pelo mais prolífico compositor das telas nacionais. Remo Usai assobia e toca piston ao mesmo tempo. Também escreve músicas para programas de televisão e de rádio, além de *spots* publicitários. Nosso Nino Rota tem o dom da onipresença musical.

Aos 80 anos, Antonio Remo Usai é tema do premiado documentário 'Remo Usai – Um músico para o cinema', dirigido pelo jovem Bernardo Uzeda, e trabalha num projeto para recuperar o patrimônio de 45 anos dedicados às trilhas sonoras do cinema nacional. "Reuni mais de 200 fitas, o equivalente a cerca de 40 quilômetros de música que fiz até hoje para cinema. Está tudo bem conservado", diz ele, mais conhecido pelo sobrenome. "Tirei o Antonio do nome artístico. Muitos pensam que sou japonês ou judeu. A palavra vem de muito longe, de um dialeto sardo", explica. "Antes de escrever este projeto, levei quase dois meses limpando fita por fita. Creio que o valor deste acervo está estimado em R$ 20 milhões porque, além da qualidade musical, é história."

História é um dos assuntos favoritos deste compositor, maestro, orquestrador, diretor musical, sonoplasta e fotógrafo – para citar as mais importantes habilidades de Remo –, e a conversa flui entre sagas políticas, como o atentado ao vizinho e amigo da família Carlos Lacerda em 1954 e tristezas afetivas – sobretudo a perda da filha Cláudia, aos 26 anos, vítima de um acidente de carro. Remo ajeita a cadeira para discorrer sobre crenças ("não acredito no Deus que os homens criaram, mas no Deus que criou os homens"), agronomia e, naturalmente, música e cinema. Ele compôs trilhas para mais de 150 filmes, entre comerciais, documentários, curtas e longas-metragens. Remo também escreveu músicas para programas de televisão e de rádio, fez spots publicitários e é considerado um dos mais importantes autores de trilhas sonoras para filmes brasileiros.

"Na Europa estão vendendo meus discos por 150 euros. Escolhi alguns temas e quero lançar

"Comecei a compor nos aniversários de família. Eu conhecia tudo de desenho animado, gostava de improvisar e era bom em descrever as imagens em sons"

um álbum duplo com a minha música aqui no Brasil", adianta, listando algumas faixas da seleção: as famosas "Um viralata chamado Lupércio", feita para o longa 'Os Trapalhões nas Minas do Rei Salomão' e "A batalha intergaláctica", que reforça o clima espacial do desenho 'As aventuras da Turma da Mônica'. O maestro escolheu também duas internacionais: "Pão de açúcar", do filme 'Sugar loaf' e "A fuga", de 'Amazonas Schweigt'. Há composições de Remo Usai na primeira coletânea feita no país sobre trilhas sonoras para filmes, 'O Fino da Música no Cinema Brasileiro', produzida por Ricardo Cravo Albin e lançada pelo Museu da Imagem e do Som em 1970 — uma das músicas feita para o filme "Férias no Sul", tema deslumbrante, executada à gaita por Maurício Einhorn. "Há décadas penso em colocar letra nela", declara o produtor do disco, atual patrono do ICCA.

Filho do escultor Heitor Usai e da pintora e tradutora Elena Spano Usai, ambos italianos, Antonio Remo Usai é brasileiro por uma questão de meses. Os pais vieram para o Brasil no final de 1927, a convite da Fundação Jesuíta, e Remo nasceu em 13 de maio de 1928. Heitor desembarcou no Rio de Janeiro para construir a Igreja Santo Inácio, em Botafogo. "Eles gostaram da cidade e acabaram ficando. A igreja ficou tão bonita que papai recebeu um punhado de encomendas depois. Fez uma estátua de Anchieta na Praça da Sé, em São Paulo, seguida por uma série de monumentos, capelas e mais igrejas no país. Papai tem uma história muito bonita", conta.

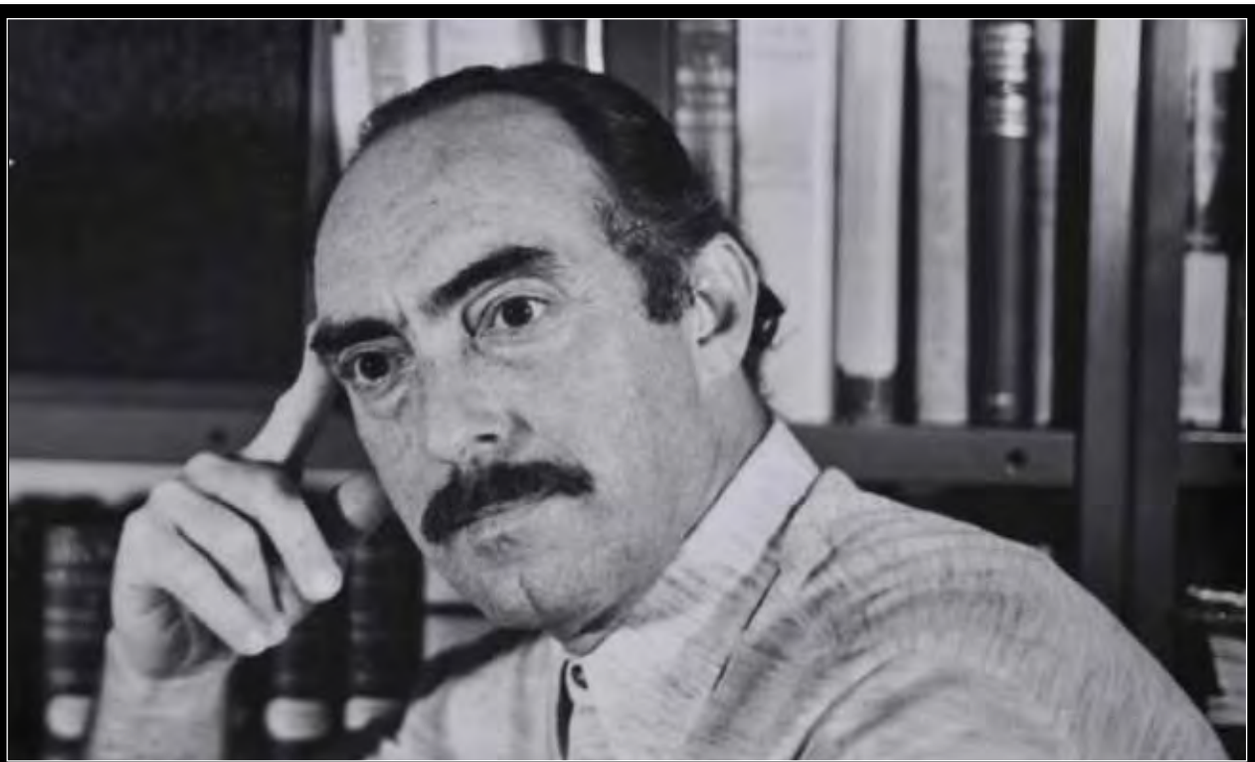
Remo Usai sentou-se ao piano pela primeira vez aos 7 anos. "O piano era enorme para mim", recorda. Aprendeu o instrumento com J. Octaviano entre 1941 e 1948. "Comecei a compor nos

Remo Usai se diz influenciado pelas partituras de Ferde Grofé (arranjador de 'Rhapsody in blue', de Gershwin); John Williams, autor da trilha de 'Guerra nas Estrelas', de George Lucas; e Leopold Stokowski, criador da música do clássico desenho animado 'Fantasia', de Walt Disney

aniversários de família. Eu conhecia tudo de desenho animado, gostava de improvisar e era bom em descrever as imagens em sons", rebobina o maestro, que se diz influenciado pelas partituras de Ferde Grofé (arranjador de 'Rhapsody in blue', de Gershwin); John Williams, autor da trilha de 'Guerra nas Estrelas', de George Lucas; e Leopold Stokowski, criador da música do clássico desenho animado 'Fantasia', de Walt Disney. "Stokowski era um regente polonês fantástico e um grande orquestrador. A trilha de 'Fantasia' é uma obra-prima e influenciou muito na minha vida".

Vida que despertava cedo na adolescência, quando Remo morava em Botafogo e trabalhava no ateliê do pai artista plástico, em São Cristóvão. "Eu abria a oficina às 7h e dava o maior duro. Como pagamento, recebia comida e meu pai achava que era muito". Por um lado, esse rigor foi ótimo. "Porque eu tinha que me virar. E a fotografia veio daí: eu registrava as esculturas dele e viajava o mundo para fotografar. Ninguém fazia isso na época. Aos 18 anos, ganhei um prêmio fotográfico na Itália". De volta ao Brasil, terminou o científico e resolveu estudar Engenharia Agrônoma na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Em 1950, foi ter aulas de composição com o maestro Cláudio Santoro.

Entre 1955 e 1958 estudou orquestração com o maestro Leo Peracchi e fez um intervalo de um ano e meio para aprender com os mestres de Hollywood. A matrícula na University of Southern Califórnia, em Los Angeles, garantiu que aprendesse com Halsey Stevens (composição), Ingolf Dahl (orquestração), Miklos Rozsa (trilhas sonoras) Francisco Argote (um sistema russo musical, baseado em fórmulas matemáticas) e Herbert Weiscopf (regência sinfônica). Na virada da década, estudou regência na cidade natal com o maestro Eleazar de Carvalho. Na ocasião, havia assinado a trilha do primeiro filme, 'Pega ladrão' (1958), com roteiro



"Vendi um imóvel em Roma para comprar um em Laranjeiras, porque é um bairro tranqüilo, cercado de mata e animais silvestres, com várias construções tombadas pelo IPHAN"

e direção de Alberto Pieralisi. "Fui muito criticado por este trabalho porque usei um sistema novo de instrumentação e orquestração. As partituras eram muito cheias de notas antes de mim, um adepto da música leve", diz.

No mesmo ano, foi chamado para compor a música de 'E o bicho não deu', de Josip Tanko, com Grande Otelo, Paulo Goulart e Wilson Grey no elenco, e 1959 trouxe mais seis filmes - entre eles, 'Mulheres à vista', com Virginia Lane e Nelson Gonçalves, roteiro de Chico Anísio e Zé Trindade e, novamente, direção de Josip Tanko. Em 1960, Remo atuou em películas marcantes do Cinema Novo — como a trilha para o antológico 'Mandacaru vermelho', de Nelson Pereira dos Santos. Daí por diante foram tantas produções que não caberiam neste texto, incluindo os filmes do chamado ciclo baiano: 'A grande feira' e 'Tocaia no asfalto', de Roberto Pires. Além das trilhas de 'Assalto ao trem pagador' (Roberto Farias, 1962), 'Boca de ouro' (Nelson Pereira dos Santos, 1963), o espanhol 'Kuarup' (que lhe rendeu o prêmio de melhor trilha sonora em 1964) e 'O caso Cláudia', (vencedor do Troféu Candango de melhor trilha em 1979).

Ao folhear o currículo de Remo Usai, um calhamaço com mais de vinte páginas, observa-se que a música domina — e, com ela, ele poderia ter ganho bastante dinheiro em qualquer parte do mundo. Convites para atuar nos Estados

Unidos e na Itália não faltaram, mas a vontade de sonhar em outro idioma foi substituída pela paixão por Antônia Colacicco. Uma vez recém-casados, alugaram um apartamento pequeninho em Copacabana, onde residiram por dois anos. A família da moça, também de origem italiana, era de Laranjeiras. E foi para lá que o casal se mudou quando pôde adquirir uma ampla moradia. "Vendemos um imóvel em Roma para comprar esse apartamento há 45 anos". O endereço é hoje visitado com freqüência pelos filhos Márcio e Lilian e pelas quatro netinhas de Remo e Antônia. "Gosto de Laranjeiras porque é um bairro tranqüilo, cercado de mata e animais silvestres, com várias construções tombadas pelo IPHAN", enumera.

Em defesa do ruído e do silêncio

"Há muito o que se falar sobre música de cinema. Assisto aos filmes brasileiros recentes e percebo que estão botando música a torto e à direito. Se o personagem não fala por trinta segundos, já entra música. E isso é um erro grave: tem que deixar o ruído e o silêncio porque isso também é linguagem", avalia. "Outro dia fui criticado pelo professor e pesquisador Hernani Heffner. Ele disse que eu parei com a música nos anos 80 porque acabou a minha inspiração. Só que arte não tem idade", filosofa o maestro. Remo diz que o pai ficou doente por uma década e ele assumiu o ateliê e as despesas médicas da família – a mãe também adoeceu no percurso. "Recebi propostas de trabalho, mas eu negava porque, além da falta de tempo, a mediocridade dos filmes nacionais era muito grande. A indústria estava falida".
Nas duas últimas décadas, as produções brasileiras conquistaram platéias e cresceram em número, excelência e novos talentos na frente das câmeras e, sobretudo, nos bastidores. "Sim, o cinema nacional está se reabilitando, mas a nova geração não conhece o meu nome. E quem conhece, acha que estou velho", lamenta Remo Usai, frisando que está aberto a convites. "Adoraria trabalhar, só que faria do meu jeito. Acredito que a riqueza da música está na melodia, na harmonia, no ritmo e no timbre dos instrumentos. Com a orquestra, você desperta um timbre peculiar que, junto à fotografia e ao roteiro da película, funciona que é uma maravilha". Maravilha é ouvir a sua obra, Remo Usai.

Um banho de voz

por ILAN BAR

"O abre-alas que eu quero passar" virou "abre a torneira que eu quero cantar". Os cantores do Chuveiro são um conjunto vocal que há quase uma década vem enriquecendo o nosso cenário musical. Tudo começou como uma brincadeira. E cantarola pra cá, e cantarola pra lá, estes amantes da cantoria acabaram se transformando numa das grandes atrações da ribalta carioca.

Profissionais das mais diversas áreas, o grupo que sempre teve a música muito presente em suas vidas, hoje é formado pela escritora Laura Sandroni , a arquiteta Clara Redig , a psicopedagoga Maria Helena Alvarenga, o psicanalista Fernando Rocha e os engenheiros Otavio Brandão e Paulo César Lopes.

"Todos no grupo sempre foram apaixonados por música. Sempre que nos reuníamos em festas, acabava sempre em cantoria. Durante uma delas, surgiu a idéia de se apresentar para os amigos e o público em geral.", relembra Laura Sandroni, que faz parte desde a formação inicial do grupo. Nada mais carioca do que encontros regados a boa música.

Depois da iniciativa de se apresentar em público, faltava definir o local. Em uma das festas estava presente a escritora Edla van Steen, que levou a idéia a seu amigo, o ex-diretor da Casa de Cultura Laura Alvim, Flávio Marinho, pedindo uma oportunidade para a primeira aparição dos cantores-amadores. Pedido feito, pedido aceito. "Chuveiro Iluminado", foi o primeiro nome que o grupo recebeu em 1999.

Batizado por Augusto Boal de "Chuveiro Iluminado" e por ele dirigido, os Cantores fizeram sua estréia em março de 1999. Sucesso total. Os 80 lugares do porão da Laura Alvim ficaram lotados. Com a boa repercussão, houve procura por ingressos antecipados para os outros shows. "Assinamos um contrato para cantar por um mês lá e quando acabou, o sucesso era tamanho que o Flávio Marinho nos procurou e disse que o nosso espetáculo era o único que dava lucro e queria que ficássemos por mais um mês e o sucesso se repetiu", recorda Laura.

O início não podia ter sido melhor e depois da Laura Alvim seguiram para uma casa maior, o teatro do Planetário da Gávea, com capacidade para 150 pessoas. Por lá se apresentaram por mais dois meses sempre com casa lotada.

Hora de alçar novos vôos. Vendo a qualidade do grupo, Ausgusto Boal que seguia em turnê

com o Teatro do Oprimido, fez-lhes uma proposta irrecusável.. "Boal perguntou se gostaríamos de fazer nosso show em Paris. Dissemos para ele que só não poderíamos ser chamados de oprimidos", brinca Laura. O show lotou o Théâtre L'Épée de Bois, que tinha na platéia além do público local, muitos brasileiros saudosos da boa música brasileira.

A viagem a Paris trouxe novas idéias ao grupo. Rebatizado com o nome "Cantores do Chuveiro", decidiram convidar o jornalista e crítico musical Ricardo Cravo Albin para essa nova fase. A ponte foi feita por dois ex-integrantes do grupo, o acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco e o advogado Octavio Mello Alvarenga. Ricardo logo sugeriu a montagem de espetáculo sobre os 100 anos da MPB. Assumindo as funções de diretor, roteirista e apresentador, ele entrava em cena, como um locutor de rádio e contava sobre os principais autores e estilos de uma década e essa era deixa para os cantores surgirem no palco e soltarem a voz.

O show "Cantores do Chuveiro cantam e contam 100 anos de MPB" percorreu o circuito Sesc numa longa temporada e sempre com casas lotadas. Nessa

Os Cantores do Chuveiro (em sentido horário): Fernando Rocha, Laura Sandroni, Octavio Brandão, Maria Helena Alvarenga, Paulo César Lopes e Clara Redig

O show "Cantores do Chuveiro cantam e contam 100 anos de MPB" percorreu o circuito Sesc e o mítico Teatro de Arena numa longa temporada e sempre com casas lotadas

época o espetáculo já tomara uma forma mais sofisticada e contava com a direção de cena de Dudu Sandroni e produção de Cláudio Magnavita. O repertório incluía pérolas da música popular brasileira como "Chega de saudade", "Eu sei que vou te amar", "Jura", entre outras. E tinha o acompanhamento do quinteto formado por: Paulo Malagutti, piano e arranjos; Muri Costa , violão; Rafael Rocha, percussão; Daniela Szpielmann, sax e flauta, e Dôdo Ferreira, contrabaixo. Um time de peso que imprimia um belo ritmo ao show, que ainda passou pelo Teatro de Arena, em Copacabana, onde ficou por seis meses, em 2001.

A música está mesmo na alma dos "cantores" e uma das mais emblemáticas histórias é a do psicanalista Fernando Rocha. Sua ida para o "Cantores" se deu pelas mãos da também psicanalista Cecília Boal, que convidou-o a participar do grupo que o marido dirigia. "Já me disseram que a música é minha segunda asa", filosofa Fernando. O cantor-amador já conta com uma obra respeitável. Em 1997, lançou o disco "O sol nascerá – Cartola por Fernando Rocha". Neste CD contou com as participações de Paulo Moura, Cristina Buarque, Água de Moringa, Cristóvão Bastos entre outros. No ano de 2002, com Nonato Luiz, gravou ao vivo o disco "Fernando Rocha e Nonato Luiz ao vivo", no Mistura Fina.

Com a grande aceitação por parte do público, era hora de pensar em gravar um disco. Em 2001 lançaram "Cantores do Chuveiro", pela gravadora CID, com as músicas do show "100 anos de MPB". No embalo do sucesso, trouxeram em 2002 um novo espetáculo "Luz, chuveiro... ação". Dirigido por Eduardo Dussek teve estréia no Café Teatro Arena com músicas de Carmen Miranda, Mario Reis, passando pelos musicais da Atlântida, até chegar às trilhas compostas por Chico Buarque. O show que ficou quatro anos em cartaz, passou também pelo

Teatro de Arena e Praia de Copacabana.

Ao fim da temporada novas mudança e Ricardo Cravo Albin voltou à direção. "Nós queríamos mostrar que a música de protesto começou com os primeiros sambas. O carnaval sempre criticou alguma coisa que estava acontecendo na cidade, seja a falta de água ou de luz ou o pedreiro que não tinha onde morar", explica Laura Sandroni.

Em outubro de 2007 estreou o espetáculo "Quem Canta Faz a Hora", paráfrase de "Quem Sabe Faz a Hora", de Geraldo Vandré, no Bar do Tom, no Leblon, que foi aplaudido com a casa cheia a cada domingo. O roteiro incluia desde as músicas de carnaval, passando por Chico Buarque, Gonzaguinha e até Ary Barroso (com "Terra Seca") entre outros. Fernando Rocha lembra um dos pontos altos da temporada se deu com Carlinhos Lyra. "Ele assistiu ao nosso show, e quando cantamos "Canção do subdesenvolvido", de Lyra e Chico de Assis se emocionou. pois há 40 anos não ouvia aquela música ser tocada". A temporda seguiu até abril deste ano.

Nada melhor do que trabalhar se divertindo. E no "Cantores do Chuveiro" a alegria predomina por onde quer que eles estejam. "Nós nos divertimos muito. E quando temos que pagar do nosso bolso algo para o grupo, brincamos com o Fernando Rocha, que é o cantor psicanalista, que sai mais barato que uma sessão de análise. Aplauso é uma maravilha. Só fui descobrir isso aos 64 anos, quando comecei esta segunda "carreira", conclui Laura, que também gravou um disco cantando músicas francesas. Clara Redig igualmente estreou em carreira solo com CD em homenagem a Francis Hime.

No momento, eles se preparam voltar ao palco, talvez, em julho. E todos nós esperamos ansiosos.

O cantor-amador Fernando Rocha já conta com uma obra respeitável. Em 1997, lançou o disco "O sol nascerá - Cartola por Fernando Rocha", com participações de Paulo Moura, Cristina Buarque, Água de Moringa, Cristóvão Bastos entre outros. No ano de 2002, com Nonato Luiz, gravou ao vivo o disco "Fernando Rocha e Nonato Luiz ao vivo", no Mistura Fina

O novo quitute do Rio

por Julia Santhiago

Pipoca, milho verde, cuscuz e churros tem um novo concorrente que vem dividindo o espaço no paladar dos cariocas: a tapioca. Feita com farinha de mandioca e servida no Nordeste quase que exclusivamente com coco e leite condensado, aqui a iguaria ganhou sabor local, podendo ser encontrada com os recheios mais inusitados: coco com goiaba, coco com amendoim, frango com catupiry, queijo com calabresa, banana com canela, coco com leite condensado, morango com chocolate... A tapioca ganhou o tempero e a diversidade carioca. Só falta virar letra de samba.

Até chegar às ruas do Rio e pegar o doce balanço a caminho do mar, sua trajetória foi longa e os primeiros registros datam da época do descobrimento, quando os que chegavam surpreendiam os indígenas a arrancar da terra uma raiz tão grossa como a coxa de um homem, que depois era seca em fogo ou ralada ainda fresca.. O resultado era uma farinha alva., que foi chamada de farinha de pau, hoje conhecida como farinha de mandioca. É a partir dela que se extrai a fécula, que era o alimento básico dos indígenas, e que encantou os portugueses que lhe acrescentaram o recheio e o sabor doce.

Hoje não é mais preciso ir à feira de São Cristóvão para apreciar o acepipe. A tapioca deixou de ser privilégio nordestino e naturalizou-

"Eu aprendi a fazer com minha mãe, e quando perdi o emprego no prédio em que trabalhava em Copacabana decidi apostar na tapioca"

Sérgio da Tapioca, comerciante localizado na esquina das ruas da Assembléia e Rodrigo Silva, no Centro

As redes de lojas especializadas no quitute já são uma realidade, como a Oca da Tapioca, com três lojas na cidade e a Tapioca da Carioca. Na primeira são consumidos, por dia, 50 quilos de coco, por filial, enquanto na segunda são vendidas 300 tapiocas diariamente

se carioca. Ela está no calçadão, nas feiras, nos shoppings, em restaurantes. Enfim, conquistou definitivamente seu espaço na cidade maravilhosa. O comerciante Sergio Augusto Lima conta que há quatro anos desistiu de trabalhar como porteiro e resolveu dedicar-se a arte da tapioca. "Eu aprendi a fazer tapioca com minha mãe e quando perdi o emprego no prédio em que trabalhava em Copacabana decidi apostar na tapioca". A tentativa de Sérgio foi bem-sucedida, hoje ele é conhecido como "Sérgio da Tapioca" na esquina das ruas da Assembléia e Rodrigo Silva, no Centro, onde fica todos os dias a partir das 17h. Sérgio veio de Sapé, há 69km de João Pessoa para o Rio de Janeiro quando tinha apenas 19 anos, e hoje ganha a vida dando um toque carioca à iguaria de sua terra natal.

Em outro ponto da cidade, em Copacabana, estão Ângela Esmilde de Oliveira e o marido, Deusdete do Nascimento que também investiram na tapioca. Durante a semana o casal faz sucesso vendendo a tapioca na Rua Francisco Sá, em frente ao número 23, já no fim de semana transferem-se para a orla, onde o movimento é maior. Ãngela conta que trabalha no ramo há cinco anos e aprendeu com uma amiga que poderia se sair bem vendendo tapioca. "Trabalho de manhã como monitora em um curso de informática e antes tinha a tarde toda livre, então uma amiga me deu a idéia de começar a trabalhar com a venda de tapioca e deu certo", conta orgulhosa. Ângela explica o sucesso da tapioca no Rio de Janeiro: "Eu deixo a gosto do cliente, tenho oito sabores de recheio, a pessoa pode fazer a mistura que quiser."

Mas nem só de barraquinhas e vendedores de rua vive a tapioca carioca. As redes de lojas especializadas no quitute já são uma realidade, como a Oca da Tapioca, com três lojas na cidade e a Tapioca da Carioca. Na primeira são consumidos por dia 50 quilos de coco, por filial, enquanto na segunda são vendidas 300 tapiocas diariamente. Os restaurantes também descobriram como dar cara nova ao tradicional alimento extraído da mandioca. Um dos campeões de vendas do botequim pé-limpo Devassa é a pizza de tapioca: uma massa de goma de mandioca assada com cobertura de molho de tomate, mussarela, carne-seca e catupiry que

chega à mesa numa chapa de ferro. A criatividade com a tradicional tapioca está no cardápio dos *chefs* mais renomados da cidade, que a servem às vezes como entrada, substituindo o pão ou até com o cafezinho. E a marca Itália desenvolveu um sorvete que é um dos é um dos preferidos do público, o de tapioca.

Para quem deseja se aventurar nos mistérios da tapioca e soltar a imaginação junto com os amigos, Ana Silva, que tem uma barraca tradicional na feira da Rua General Glicério, em Laranjeiras, onde vende tapioca e a goma para o preparo doméstico, nos dá o passo a passo.

Passo a passo

Coloque 250g de polvilho (goma) em um recipiente e regue-o aos poucos com 500 ml de água filtrada. Deixe hidratar por duas horas. Escorra a água e deixe secar num pano por mais 2h. Peneire na hora de usar;

Leve uma frigideira antiaderente ao fogo e deixe aquecer;

Peneire o polvilho umedecido sobre a frigideira cobrindo todos os espaços, formando uma camada uniforme semelhante a uma panqueca;

Espere a massa ficar unida e vire-a, deixando corar do outro lado.

Acrescente o recheio do seu gosto, dobre-a ao meio e está pronta para servir.

A AACD oferece 5 especialidades em reabilitação. Quer dizer, 6 se contar o calor humano.

McCANN

A AACD Rio de Janeiro é uma instituição filantrópica que trabalha na reabilitação de crianças, adolescentes e adultos com deficiência física, ajudando-os a desenvolver suas potencialidades e a ter uma vida com maior qualidade e independência. Atualmente, são mais de 2.500 atendimentos por mês em 5 especialidades médicas e 7 terapias de reabilitação. Entre em contato conosco e saiba como apoiar este trabalho que está dando tantos resultados.
Com a sua ajuda, ele pode dar ainda mais.

Patologias atendidas:

- Paralisia Cerebral – até 16 anos
- Lesão Medular
- Mielomeningocele
- Lesão Encefálica Adquirida
- Amputações
- Doenças Neuromusculares
- Malformações Congênitas
- Seqüelas de Poliomielite

AACD Rio de Janeiro
Rua Maranhão, 125 - Bairro da Viga
Nova Iguaçu - RJ - CEP 26013-610
Tel: (21) 3759-8400
www.aacd.org.br

AACD
ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA DEFICIENTE
RIO DE JANEIRO

O senhor de todas as histórias

João Luiz de Albuquerque

por Vera de Souza

Ele se autodefine como um iconoclasta anarquista light. Perfeito para quem ao longo da vida colecionou uma extensa coleção de causos, grande parte deles testemunhado de corpo presente. Só para dar uma pala, a certa altura, resolveu corrigir o que considerava grandes equívocos da História: o final do filme Casablanca e a derrota do Brasil para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950. Nosso personagem é o jornalista, fotógrafo e torcedor inveterado do Fluminense, João Luiz de Albuquerque. Mais carioca, é quase impossível.

"Nasci aqui mesmo na Rua Bulhões de Carvalho, isso em 1939. Aqui, onde moro, era a casa da minha avó. E ao lado, há uma vila de quatro casas - que também eram dela - e que foi onde nasci e fui criado. Até 1961 a Zona Sul e o Rio de Janeiro eram Copacabana.

Nos anos 40, Copacabana vivia cheia, enquanto Ipanema era quase um deserto. Para ter uma idéia, nessa época eu estudava na Escola Americana e tinha um grande amigo - que depois virou dono da Brahma -, o Jorge Paulo Lehmann. Nós íamos ao Country Club e nossas mães, como todas as outras da Zona Sul,sempre diziam que não podíamos sair do clube para ir à praia. Elas proibiam as idas às praias do Arpoador e Ipanema, porque tinham muita correnteza e eram vazias. Claro que depois que o motorista dele ia embora, a gente ia andando até o Arpoador, onde aprendi a pegar jacaré. Surf não, porque já estava morando nos Estados Unidos. Mas o Jorge Paulo se tornou um grande surfista.

A vida era ótima, mas havia muita dureza na educação. Aqui mesmo na Rua Souza Lima, que era muito calma, a gente jogava bola aos sábados e domingos, montando o gol entre uma casa e uma árvore. Quando vinha um carro, nós parávamos. Mesmo assim, as mães não deixavam que atravessássemos a rua sozinhos. Imagine a vergonha, com 10 anos, a babá ia me levar para atravessar da Bulhões para a Souza Lima. Das doze crianças, tinham cinco que as mães eram paranóicas. A minha era uma delas."

De Modigliani a jornalista

"Eu vivia uma dúvida enorme. Queria ser pintor,

Emporia
State

"Descobri, então, que na profissão de jornalista, desde que você não seja desonesto, principalmente na hora de escrever, você tem uma *largesse* para ser um pouco bandido e conseguir as coisas. Fiz isso boa parte da minha vida"

influenciado pelos impressionistas. Achava aquilo lindo e passava horas no Arpoador, conversando e tomando coragem para convidar uma moça para ir ao Roxy. Eu tinha muito tempo para pensar. Aí fui fazer um curso no MAM e já sabia que era daltônico. E um professor me chamou a atenção porque eu ficava fazendo quadros num estilo do início do século, algo já ultrapassado. Mas era o que eu queria. Até que ele disse que havia uma confusão, porque as minhas cenas impressionistas pareciam ao mesmo tempo trabalho de um pintor *naif*, porque as cores eram todas trocadas. Era cores puras. Ele me sugeriu que eu as misturasse. Expliquei que não podia porque eu lia os nomes das cores, mas se misturasse não sabia o que ia dar. Então ele disse para estudar desenho. E foi assim que eu desisti de ser o Modigliani de Copacabana, porque eu era daltônico, não era judeu nem italiano como ele e nem tomava absinto.

A outra coisa que eu gostava era de escrever, mas a profissão de jornalista até os anos 50 era muito mal vista. E com razão. Se você pega a história do jornalismo no mundo, a maioria dos donos de jornais só criaram os veículos para se eleger ou para derrubar um inimigo. E minha mãe só me pediu três coisas na vida, que eu não fosse polícia, jornalista ou me casasse com uma estrangeira. Fui jornalista e me casei com uma estrangeira.

Acabei indo fazer jornalismo na PUC, o que serviu para acalmar meus pais e a mim também. E logo no início tive que ir às redações, entregar uns folhetos da Semana da PUC. Como eu via muito filme americano e lia muito, entrei no Jornal do Brasil e perguntei ao chefe de reportagem, pensando que eu estivesse num filme, porque eles tinham preconceito com estudante de jornalismo e não nos davam uma chance. E ele disse que eu poderia estagiar lá por um mês.

Aliás, um parêntesis sobre o chefe de reportagem, que até então eu não sabia de quem se tratava. Era o Calazans Fernandes, um nordestino muito louco, com quem depois trabalhei no Diário da Noite. Um dia ele me disse que se eu quisesse entrevistar alguém e a pessoa não quisesse falar ou a secretária não passasse, devia usar o seguinte artifício: 'Chame o fulano que é o governo!' (risos). Parece que só funcionava no Nordeste, mas usei isso por três ou quatro vezes e deu certo.

Descobri, então, que na profissão de jornalista, desde que você não seja desonesto, principalmente na hora de escrever, você tem uma *largesse* para ser um pouco bandido e conseguir as coisas. Fiz isso boa parte da minha vida.

Bom, duas primeiras semanas ninguém falou comigo, nem ele. Até que um dia ele me chamou dizendo que tinha uma entrevista importante para ser feita com uma condessa finlandesa, amiga da condessa Pereira Carneiro. E ninguém na redação falava inglês, só eu.

Foi tudo ótimo, a condessa adorou e eu passei a fazer cobertura policial na Cinelândia. Fiquei de castigo."

trabalho em revista

"Mas o que eu queria mesmo era trabalhar em revista, e por minha conta fui para a Radiolândia, da Rio Gráfica. Mas se hoje se fala em cidade partida, naquela época a Zona Norte e a Zona Sul já viviam separadas. A gente na Zona Sul não tinha idéia do que era a Rádio Nacional, só íamos à praia, as festas. E me mandaram entrevistar o Nélson Gonçalves na Rádio Nacional. Cheguei, encontrei um cara de terno e gravata no corredor, me apresentei e disse que tinha vindo entrevistar o Nélson e pedi que ele me mostrasse quem era. O cara, naquele papo de corredor, falou bem alto: 'Aí Nélson, o garoto aqui é engraçado. Disse prá mim que não conhece você!'. Anos mais tarde, já na revista Manchete, contei isso pro Nélson e ele riu muito.

Naquela época vinha muita gente se apresentar no Rio e um dia fui entrevistar a Lena Horne. Ela chegou com o Harry Stone no Copacabana Palace, ficamos conversando até que ela disse que gostava muito da música brasileira e eu pensei que ela estava sendo gentil. E me falou de um disco de cantor que ela gostava e que ela queria que viesse à estréia. Descreveu a capa do disco que era era um cara triste com a mão no queixo, matei logo: João Gilberto. Ela me perguntou se eu podia convidá-lo. Na época o João ia aos lugares e ela ficou maravilhada com ele.

Nessa noite, estava lá o Evandro Teixeira que era fotógrafo do Diário da Noite. Como ele não conhecia nada da Lena, pediu que eu escrevesse uma legenda para as fotos. Acabei fazendo um texto onde contava o interesse de Lena pela macumba e por Iemanjá e que eu tinha providenciado tudo para ela fazer suas oferendas no mar de Copacabana. Resultado fui chamado para trabalhar no Diário, onde fiquei onze meses.

O Rio daquela época era incrível. Trabalhávamos, eu e Juvenal Portela, sem ganhar nada e ainda tendo que usar terno e pagar nossa própria passagem. O Chateaubriand (Assis) andava pela redação, falava com os repórteres e um dia chamou a mim e ao Juvenal dizendo que sabia que não estávamos recebendo nada e que tudo já estava resolvido. Que devíamos ir ao gabinete do ministro da Educação, que nos aguardava, e tudo se acertaria.

Nem pegamos o carro do jornal, de tão nervosos que estávamos. Fomos andanado pela Avenida Rio

Branco, um dando força para o outro. No gabinete fomos recebidos em 10 minutos. Mas você recebu um centavo? Nem eu. Aí resolvi sair do jornal e me ofereceram um salário, mas não quis. Nessa época o Dines era o diretor de redação e acabou me levando para a Fatos & Fotos".

Derrubado por Tião Medonho

"Quando ainda estava no Diário da Noite, ainda me mandaram fazer três matérias policiais. Como me livrei disso? Descobri que o Sammy Davis Jr. viria ao Brasil. Tinha acabado de ler uma entrevista dele, de dez páginas, na Squire. Traduzi tudo, dividi em quatro partes e fui oferecer pro Dines (Alberto). Ele resolveu publicar e nunca mais fiz polícia.

Também fiz muita besteira, quando o Sammy Davis chegou ao Brasil, ele ia casar com uma atriz sueca, May Britt. O Dines tinha um tablóide meio escandaloso e resolveu que íamos campanar o Sammy nos dias que ele ficar por aqui. Ficávamos na Avenida Atlântica, com uma teleobjetiva e toda vez que o cantor conversava com alguma mulher deslumbrante, a gente fotografava e dava no dia seguinte como a namorada da segunda, da terça... Na noite da estréia, eu já sabia que ele costumava dar uma festa. E aqui foi assim, fez uma festa na suíte presidencial do Copacabana. Ele estava de cueca, bota e chapéu de cowboy. E eu pedi a uma amiga que fosse e posasse ao lado dele para uma foto. Pedi a Elizabeth Gasper, mas o namorado não deixou. Então, quem topou foi a Irma Alvarez. Fiz a foto e o Diário da Noite já estava rodando há 40 minutos com a minha primeira página e, de repente, caiu. Foi o dia do assalto ao trem pagador e minha capa foi arrancada por causa do Tião Medonho".

Um sonho realizado

"Desde que me tornei jornalista, o lugar que eu queria chegar era a Manchete. Depois da Fatos & Fotos, consegui.

Eu tenho um grande orgulho na Manchete. Até quatro anos atrás, quando ela fechou, eu fui o recordista de demissões. Fui demitido cinco vezes e o Bôscoli, quatro. A coisa era assim: eu era demitido pelo Jaquito ou o Oscar Bloch — sobrinhos do Adolfo — e, depois de três a quatro dias (no início demorou um pouco mais) o Adolfo Bloch ligava para minha casa e dizia: 'Eu sei que o senhor (ele chamava a todos assim) foi demitido pelos meus sobrinhos, mas eu gosto muito do senhor e o senhor vai voltar. Então o senhor fica em casa um mês, eu não posso fazer isso no dia seguinte. O senhor está precisando de dinheiro?' E eu voltava sempre.

Fiquei muito amigo dele. Mas a coisa chegou a um ponto que nessa última vez a acusação veio porque eu não tinha assinado uma manifesto contra a ONU a favor de Israel, porque a ONU numa decisão rara tinha votado contra o estado de Israel e, claro, toda a comunidade judaica no mundo inteiro subiu nas tamancas. E eu fiz uma brincadeira com a pessoa que me trouxe o papel dizendo que só assinava manifesto para conseguir centroavante para o Fluminense.

Só que naquele dia tinha sido morto o jornalista Vladimir Herzog e na redação da Manchete, pessoas gloriosas (provavelmente alguém vai dizer que não é verdade, mas foi), chegaram para o Adolfo e pediram que ele assinasse um manifesto contra os desmandos do Exército em São Paulo. O Adolfo sempre foi um cara muito vivo e, na hora do almoço, ele disse: 'Eu assino se vocês todos assinarem esse manifesto contra a ONU'. Isso pra mim, que é uma coisa normal em política, foi assim uma coisa vergonhosa. A redação, boa parte do partidão estava contra esse negócio, porque estava a favor da ONU, assinou pra conseguir a assinatura para o outro manifesto. Por sorte minha, não me deram o papel para assinar pro Herzog. Como eu não tinha assinado pro Herzog, imagina, eu soltei a frase do centroavante. Ele foi ao Adolfo Bloch e disse que eu era anti-semita.

"Quando a Julie London voltou ao Rio para se apresentar, estava no aeroporto como toda a imprensa. Ela me viu e disse: Você não pensou que ia me reencontrar tão cedo, não é? E me chamou de *bedroom eyes*, e isso me acompanha até hoje"

Depois ele me recebeu na sala dele rindo e dizendo 'o senhor é anti-semita'. Mas concluiu que daquela vez não podia me trazer de volta, porque entrava num problema religioso. Mas me disse para ficar calmo porque já tinha falado com ele e no dia seguinte ele me esperava. Ele quem, Adolfo? Perguntei. O Roberto Marinho. Achei melhor não ir para O Globo, chegando na sala do Roberto Marinho dizendo que o Adolfo Bloch me mandou. Preferi fazer outras coisas."

Julie London e os olhos de alcova

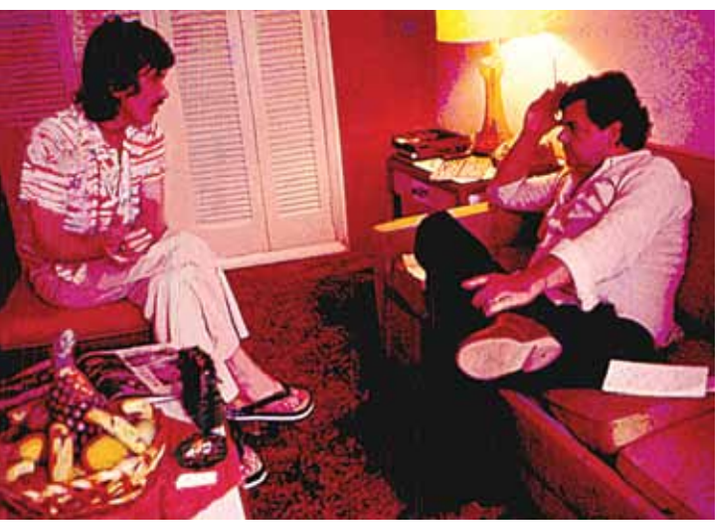
"O Ruy Castro é um grande amigo, grande escritor e biógrafo, mas pelo menos no meu caso, ele costuma orquestrar minha realidade. Ele não mente, mas põe oboés, trompas. Mas ele doura a pílula. Mas somos amigos de verdade.

Essa história da Julie London foi o seguinte, ela veio para um carnaval com o marido, Bobby Troup, que para quem gosta de música é o autor da magnífica 'Route 66'. Eu queria fazer uma entrevista com ela para a Cinelândia e ela não queria falar com ninguém.

Como eu conhecia todo mundo no Copacabana Palace, fiquei no andar dela, sentado no anexo. Ela saiu do elevador com o marido, com o cabelo cheio de bobs e eu disse: Julie e Bobby, eu sou jornalista e queria uma reportagem. Ela disse: 'Não dou entrevista. Vim passar o carnaval'. Quando eles abriram a porta do quarto eu disse: engraçado, Bobby, a sua mulher está me lembrando o que você fez com ela, quando ela era casada com o Jack não sei o quê. Ela disse um não para você e vocês acabaram casados. Isso quer dizer que ela vai me dar entrevista? Os dois pararam e me perguntaram como eu sabia daquela história. Afinal, estávamos no Brasil. Mas meu pai tinha uma coleção da revista Saturday New Post e o Peter Martin entrevistou todo mundo e eu li isso lá.

Claro que ela conversou comigo, jantamos juntos os três e quando ela voltou uns meses depois para cantar no Rio e em São Paulo, chegou no Santos Dumont, a imprensa toda lá. Ela desceu, olhou para mim e disse, com a maior inocência: 'poxa, você não pensou que ia me reencontrar tão cedo, e me chamou de *bedroom eyes*, porque foi assim que ela autografou um disco para mim, dizendo que eu tinha olhos de alcova.

Virei o herói daquela turma. Ela era uma mulher lindíssima, mas com o corpo típico da americana, seios enormes e perna de palito. Ela foi cantar no Midinight, que era uma boate do Copa. A Julie sabia



que eu gostava de Laura e na primeira noite, olhando para mim, perguntou: alguém quer alguma música? Eu pedi Laura. Ela virou para o marido pedindo a música e ele disse que não tinham ensaiado e ela, fazendo o chame de artista, disse que tinha alguém na ali que gostava muito daquela música e começaram a tocar."

Juntou que o Alberto Shatowsky me viu saindo do quarto dela uma noite, lá pelas 10h, e chegou na redação dizendo que eu estava namorando a Julie London. Juntando as duas coisas todo mundo começou a comentar. Na verdade, depois do show, eu e o Bobby íamos para o Beco das Garrafas. Ele adorava música e bebia muito. Eu o levava para o quarto, ele vinha caindo. Quando chegávamos lá, claro, ela estava de camisola, de pernas de fora, mas muito família. Eu fui contar isso para o Ruy e ele juntou com a história do Shatowsky e isso me acompanha até hoje."

Um elenco estelar

"Na verdade eu sempre me dei bem com os artistas e essa intimidade era normal. Em 1963, o Jean Paul Belmondo, a Catherine Deneuve e a irmã que morreu num acidente, Françoise Dorléac, eles

"Soube que os Beatles iam para os EUA, em 1964. Foram primeiro a Nova York e depois seguiram de trem para Washington, aí fiz a foto deles chegando, fiz o ensaio, entrevistei-os e mandei para o Justino (Martins) aqui no Rio. Ele devolveu as fotos com a seguinte pergunta: Você deve estar querendo namorar alguma inglesa, né?"

estavam filmando "That man from Rio" no mesmo tempo que o Gilbert Becaud estava cantando no Copacabana, com o sucesso mundial dele com 'Et "maintenant". E nos sábados todo mundo ia para a feijoada no Au Bon Gourmet e eu andava com esses caras. Eu gostava, não era de puxar saco de artista, mas gostava daquele mundo. Um dia o Belmondo e o Gilbert Becaud me pediram para organizar uma festa para eles. Me deram 40 convites para o show à tarde e depois a festa acontecia no apartamento. Foi mole, levei todas as moças dos Sacre Coeur de Marie, de Jesus. E ainda estava na festa a Françoise Dorléac e a mulher do Belmondo. As moças ficaram extasiadas de conversarem com o Becaud.

O dia em que Sinatra ligou para o Antonio's

"Tem algumas coisas que eu carrego como um Papai Noel, um verdadeiro saco de culpas, como a que fiz com meu amigo Tom (Jobim) e que ele morreu sem saber a verdade, tendo dado até entrevistas sobre isso. Num 25 de janeiro, aniversário de Tom, eu e o Jackson Flores ligamos para o Antonio's. O Jackson se fez passar pelo secretário de Sinatra que procurava por Mr. Jobim. Ele dizia que Mr. Sinatra queria cantar "Happy Bithday" ao telefone. O Tom não estava e foi uma confusão no bar. As pessoas querendo ouvir Sinatra, que ao fundo esbravejava porque Jobim ainda não tinha atendido. Mais tarde chegamos ao Antonio's e só se falava naquilo. A vontade de rir era grande, mas nos seguramos".

Saída do Brasil

"Em 1962 eu andava muito com o Ronaldo Bôscoli, e ele na época, para usar o lugar comum, era o cara que namorou quase que o Rio de Janeiro inteiro. E eu estou sendo gentil com namorar. Saía muito com ele, Paulinho Garcez e Miéli. Mas aí foi ficando sem graça. Não tinha mais o charme da conquista e ainda tinha que levar a moça em casa. Você vê que nesse tempo eu era bandido.

Já não era como quando entrei para a PUC e a Ângela do Rego Monteiro traduziu uma música do Aznavour para mim, "Après l'amour", que eu usava para conquistar as garotas, adaptando, claro ao carioquês. E era um barato.

Queria sair do Brasil e apareceu a chance. O Geraldo Lamego me disse que tinha alguma coisa na embaixada americana, que estavam procurando gente para ir para os EUA.

Marquei uma hora e fui saber o que é que era. No dia uma senhora me atendeu e de cara me deu um esporro. È assim que você quer ir para os Estados Unidos? Você marcou 10h e está chegando aqui 10h25. Eu disse que tinha dormido demais. Ela mandou entrar na sala imediatamente. Lá encontrei uma mulher, a Sophie Porson, que tinha estudado na escola Americana e que eu conhecia, e um outro cara. Passei três horas lá dentro entre traduções e uma entrevista Até que me perguntaram por que eu queria ir para os Estados Unidos. Como eu lia muito a MAD, disse que era para ir aos estúdios da NBC, em NovaYork, e ver o Today Show. Eles se surpreenderam pelo meu interesse. Mas saí de lá sem saber exatamente para o que estava sendo entrevistado. Um mês depois fui chamado para trabalhar como intérprete em Washington, no Departamento de Estado.

Trabalhava lá e como correspondente da Manchete e tive a chance de cobrir o julgamento do Jack Ruby, que matou o Lee Oswald, a fuga da filha do Stalin e a visita de Brigitte Bardot, que me rendeu uma capa, por eu ser amigo de seu namorado, que era o Bob Zaguri."

A mulher da minha vida

"Se até então já tinha dado muita sorte na vida, o melhor ainda estava por vir. Quando fui para os Estados Unidos conheci a mulher da minha vida, uma moça da Guatemala, a Elba, que trabalhava no

Almoço nos Estúdios Disney
Da esquerda para direita: João Luiz de Albuquerque, Dorival Caymmi, Aloysio de Oliveira, Walt Disney, Norma Benguel, Vinícius de Moraes e Tom Jobim.

Banco Mundial e com quem fui casado por 30 anos, até que ela morreu.

Como descobri que ela era a mulher da minha vida? No dia que ainda a namorava, tinha que fazer a cobertura do Carlos Lacerda, que viria para depositar uma coroa no túmulo do Kennedy. Minhas três camisas sociais estavam amassadas. Fui à casa de Elba e pedi para que ela passasse. Ela jogou a camisa longe e me deu a maior bronca do mundo. Resultado, fui fazer a cobertura todo amarrotado, mas com a certeza que aquela era a mulher da minha vida. Afinal, nunca tinham falado assim comigo. Depois disso fomos para a Guatemala, casamos e tivemos duas filhas aqui no Rio, Gabriela e Cristiana"

Revisando a história

"Sempre achei uma sacanagem aquele final do Casablanca, quando a Ingrid Bergman vai embora no avião com o marido, e o Humphrey Bogart deixa. Eu vi o filme garoto e não me conformei. Quando fui trabalhar em televisão e vi como era feita a edição, na hora minha cabeça reeditou o filme. Não tinha computador e menos ainda ilha de edição, então comprei um videocassete e com cópias do filme remontei o final. O avião vai embora, mas Ingrid fica no aeroporto com Bogart. Até a trilha sonora tive que remontar. Isso durou uns três meses.

De outra vez fiz o Brasil ser campeão na Copa de 1950. Eu vi o jogo no Maracanã e estava com 11 anos, atrás do gol e ouvindo todo mundo dizer que o Brasil já era campeão. Sofri muito e resolvi me vingar. Peguei as próprias imagens do jogo, com o Paulo Perdigão, na Globo, gravando com minha câmera da moviola. E ficou assim: o segundo gol do Uruguai não acontece. Gighia chuta e bate na trave. Isso eu fiz voltando na moviola. E tinha uma cena do primeiro tempo quando um cara chuta e bate na trave. O segundo gol do Brasil foi feito pelo Zizinho, aproveitando uma imagem de um jogo do Brasil X Iugoslávia, onde não aparece jogador adversário. Aí eu precisava de uma cena final. E aparece a Av. Rio Branco lotada de papel picado que, na verdade são as imagens de Nova York

da travessia de Lindberg. E precisava das cenas dos uruguaios chorando que peguei do enterro da Evita Perón. Porque uruguaio e argentino com casacão e bigode é a mesma coisa. E botei o Luiz Mendes para narrar."

Disney

"Quando eu era do Departamento de Estado era legal porque viajava muito. Eu ia sempre a Los Angeles, numa época em que Tom Jobim tinha uma casa por lá. O Vinícius de Moraes passou meses nos EUA tentando interessar a Broadway a fazer o Orfeu. Foi uma das tristezas dele. Tinha ainda o Aloysio de Oliveira, que trabalhou anos na Disney, e a gente se encontrava muito. Um dia o Aloysio chegou e disse: 'Vocês gostam tanto do Walt Disney que vou levá-los para almoçar com ele no estúdio. Nós zombamos. Fomos eu, Vinícius, Tom, Caymmi, Normal Bengell e o marido, o Gabrielli Tinti.

Entramos no estúdio e o Walti Disney não apareceu. Fomos almoçar, passaram-se 15 minutos e nada. E a gente começou a sacanear o Aloysio. Imagina essa turma. No meio desse negócio quem adentra e abraça o Aloysio dizendo: 'How are you Loui? Falou com todo mundo e fizemos uma foto."

Bob Marley

"A gravadora Ariola quando chegou ao Brasil fez uma festa e trouxe o Bob Marley. E isso rendeu um jogo no campo do Chico (Buarque) e eu joguei num time que me deu o maior orgulho, porque quem jogava era o Paulo César Lima, o Caju, que é meu amigo. Na hora da foto fiquei meio atrás do Paulo César. Essa foto rodou e até hoje quando a garotada vê a minha foto onde tem o Bob Marley, eu viro herói. Aí fico de brincadeira dizendo que nem sabia quem ela aquele cara. O mais engraçado é que essa foto foi parar no museu do Bob Marley, na Jamaica. E o Carlos Albuquerque que faz uma coluna no Globo, conta que um dia ele foi lá porque ele adora reggae e viu a foto onde estou identificado como Paulo César Lima!!!"

Beatles

"Em janeiro de 1964, os Beatles eram o maior sucesso da Inglaterra. Soube que eles iam para os EUA. Foram primeiro a Nova York e depois seguiram de trem para Washington, aí fiz a foto deles chegando, fiz o ensaio, entrevistei-os e mandei para o Justino (Martins) aqui no Rio. Ele devolveu as fotos com a seguinte pergunta: Você deve estar querendo namorar alguma inglesa, né?' Eu não vou dar isso não. Quatro meses depois, os Beatles eram a coisa mais importante no mundo, voltaram a Nova York e o Justino me pediu as fotos e matéria e eu não dei. Fiquei fulo."

Sorte de ser carioca e tricolor

"Por isso eu digo: eu dei algumas sortes na vida: a primeira delas foi ter nascido no Rio de Janeiro e ser carioca. Dei sorte de ter nascido no melhor lugar do mundo. A outra sorte que eu dei foi que a minha família toda do lado paterno era tricolor. Lembro quando era bem pequenino que a minha avó não ia a jogo de futebol, mas ouvia todas as partidas do Fluminense no rádio. Então eu sou um dos poucos caras que ouvi o Gagliano Neto, que pra mim foi o grande locutor esportivo. Então, aos 7 anos, quando fui ver o início do campeonato carioca de 1946 onde o Fluminense foi supercampeão, eu já era tricolor.

Tem uma coisa engraçada, eu tinha um tio, o Heráclito Sobral Pinto, um grande nome, aquela figura séria. Ele era América e toda vez que o time dele ganhava do Fluminense, ele ligava para minha mãe, eu ainda era garoto. E aquele homem seriíssimo passava uns cinco minutos me gozando no telefone. Quando o Amércia foi campeão em 1960, ele ligou e disse 'olha aí, meu filho...

Hoje o que eu quero é que o Fluminense ganhe e o Rio continue lindo. Quando eu era garoto ouvia dizer que São Paulo era a locomotiva do Brasil. Ainda bem, porque o Rio é o carro-restaurante."

a colunista nossa de cada dia

ana ramalho

por monica sinelli

A jornalista Anna Ramalho, *née* Anna Maria Abreu Monteiro, é o retrato irretocável de uma carioca ferrenha. A maior evidência disso são as colunas que assina no Jornal do Brasil, uma caixa de ressonância diária das delícias – e mazelas – do Rio de Janeiro. Diz que a cidade é um personagem da sua vida e o lugar mais lindo do mundo. Garantia de *globe-trotter*.

"Não troco isso aqui por nada desse mundo. Tenho paixão pela cidade. Meu filho é carioca, minha nora, minha neta, o cachorro, o papagaio, tudo carioca. Minha avó materna, Amneris Moreira de Abreu, era pernambucana. E filha do historiador cearense Capistrano de Abreu, que escolheu o Rio para morar, era um apaixonado pela cidade — a casa onde morou em Botafogo está lá até hoje, na rua que leva seu nome. Mas ela mesma se considerava carioca, porque veio de Recife com 1 ano de idade e nunca mais voltou. Meu pai, baiano, fez faculdade de Medicina em sua terra natal e veio para cá muito cedo, porque resolveu entrar para o Itamaraty. Viveu pelo mundo todo como diplomata antes de casar com minha mãe — ele havia tido um primeiro casamento —, que era carioca. Há uma ascendência francesa, a minha avó materna tinha Lourrine no nome e meu pai, Bittencourt. Eu trago esse lado nordestino, mas sou carioquíssima de corpo, alma, pensamento. Não posso ser mais carioca. Nasci em Botafogo e me criei, praticamente, nesse mesmo quarteirão onde moro hoje, no Jardim Botânico, porque a casa de meus avós ficava na Rua Corcovado. Minha tia-avó, filha de Capistrano, chamada Onorina — mesmo nome de minha mãe —, fundou o Convento das Carmelitas, em Santa Teresa. Nomeada madre Maria de José de Jesus, já foi beatificada pelo Vaticano e agora corre o processo de sua canonização. Caso isso realmente venha a acontecer, ela será a primeira santa carioca."

Aluna do Santa Úrsula — onde estudou desde os 10 anos até se formar no Curso de Humanidades em Letras, o antigo Clássico —, Anna se diz "deprimidíssima" com o recente fechamento do tradicional estabelecimento de ensino. "Foi um colégio maravilhoso, moderno, o grande formador da minha personalidade, incentivador dos meus interesses intelectuais. Minha mãe era uma pessoa muito além do seu tempo, fez faculdade já em 1943, sempre trabalhou, foi chefe do Serviço Social do Hospital dos

> "1967 foi aquele ano bárbaro, que prenunciou tudo de pior que viria. Eu tinha colega dedo-duro na sala, aquele horror da ditadura. Minha avó ficava muito aflita, eu menina querendo me meter em passeatas. Fui a todas"

Servidores do Estado por muitos anos, trabalhou na Legião Brasileira de Assistência (LBA), era uma mulher cultíssima, falava seis idiomas. Havia estudado no Sacre Coeur e o considerava muito careta. E achava o Sion — outro colégio de freiras — um horror, porque tinha barrado a Bibi Ferreira. Bibi era filha de pais separados e, como ela, casou-se com um homem separado. Portanto, ela nem cogitou me matricular lá. Era uma pessoa doce, adorável, mas endurecia quando o assunto envolvia estudo. Fui, então, para o Santa Úrsula, minha grande referência intelectual, um lugar que eu amava profundamente e onde fiz amigas que cultivo até hoje." Grande Dona Onorina!

Butantã das Letras

Desde pequena, Anna afirmava que queria ser jornalista. "Todos nós sempre gostamos muito de escrever lá em casa. Naquela época, havia muitos jornais, de correntes políticas distintas. Minha avó e minha mãe tinham ideologias absolutamente antagônicas. Uma era UDN, marchava com a 'Família'. A outra era Jango, totalmente progressista. As duas tinham pegas homéricos, cada uma com seu jornal. Havia o Correio da Manhã, o Diário de Notícias e a Tribuna da Imprensa, da qual minha avó não abria mão, porque era do Carlos Lacerda. O Jornal do Brasil não fazia ainda muito sucesso. Só ficou atuante mesmo já na minha adolescência e foi ele, talvez, que tenha me inspirado a fazer jornalismo. Foi o melhor jornal desse país, formava opinião, tinha as melhores cabeças — Fernando Gabeira, Carlos Leonan, Zuenir Ventura, Wilson Figueiredo, Zózimo Barrozo do Amaral, era um verdadeiro ' Butantã'. Hoje, estamos tentando refazer isso. Eu, pelo menos, me esforço loucamente", garante.

Para cursar Jornalismo, Anna entrou na PUC do Rio de Janeiro em 1967. "Foi aquele ano bárbaro, que prenunciou tudo de pior que viria. Eu tinha colega dedo-duro na sala, aquele horror da ditadura. Minha avó ficava muito aflita, eu menina querendo me meter em passeatas. Fui a todas. Quando me formei, fui trabalhar na revista Manchete, o carro-chefe da Bloch —, que tinha a vista mais bonita do Rio, no bairro da Glória. Ali, privei também do convívio com aquele celeiro de talentos, como Cícero Sandroni, Arnaldo Niskier, Justino Martins e Raimundo Magalhães Junior. Mas acabei saindo da casa, porque ninguém ficava lá, botavam gente na rua que era uma beleza. Eu já estava noiva do Ricardo Ramalho, que trabalhava na Fatos&Fotos, na mesma editora, e também o mandaram embora."

A jornalista partiu, então, para sua única incursão em propaganda, na JMM Publicidade, uma das maiores agências dos anos 1970. "O diretor de Criação, Lula Vieira, me contratou porque era um trabalho de imprensa, de relações públicas. Casei — e adotei o Ramalho, que mantive mesmo após a separação —, meu filho, Cristiano, nasceu em 1977 e, nessas alturas, Ricardo tinha um emprego muito bom na Rede Globo. De uma certa forma, se ele pudesse, diria para eu não trabalhar, mas nunca fez isso. E eu não queria ficar longe do meu filho o dia inteiro. Chegava na agência por volta de 9 da manhã e não tinha horário para ir embora, sem contar as viagens. Fiz um acordo para sair e comecei a me despedir do pessoal da imprensa. Fui ao Globo, onde minha ami-

ga Cristina Magalhães trabalhava com os jornalistas Carlos Leonan e Fernando Zerlottini, responsáveis pela Coluna do Swann. Cristina, que estava grávida, disse: 'Vou sair de licença. Eles não sabem, mas não vou voltar. Por que você não fica aqui? É meio expediente, à tarde....Se você se der bem com eles, na hora que eu disser que não venho mais, você continua'. Não fiquei um minuto desempregada. Foi maravilhoso, porque naquele tempo eu morava na Barra, tinha um esquema montado de cozinheira e babá. Então, aquilo era mamão com açúcar, porque eu podia estar de manhã com meu filho e chegar no jornal às 13h. Não havia computador e as colunas fechavam mais cedo, até porque não se podia falar a metade do que se fala hoje. A coluna era feita de telegrama do exterior, com notícias, por exemplo, da princesa Caroline de Mônaco. Toda semana, a gente recebia a Paris Match, e uma das minhas tarefas era descobrir na revista algo de interessante para publicar. Fora isso, era falar de jantar, ópera, balé, porque não podia fazer uma coluna como faço hoje, senão ia presa. Então, às 16h30min a coluna estava pronta e eu voltava a ficar com meu filho, que tem de idade o que tenho de colunismo".

Nos anos 1980, Carlos Leonan saiu de O Globo, permanecendo Zerlottini, já com a colaboração de Ricardo Boechat, que até então trabalhava com Ibrahim Sued. Zerlottini também acabou deixando a coluna que, com Boechat como titular, virou Coluna Ricardo Boechat. "Nós dois trabalhamos muitos anos juntos e ele foi meu grande mestre. Boechat tem o faro para a notícia, aquela capacidade do bom repórter, que nunca está desligado. É talvez a pessoa mais brilhante que conheci, tenho uma enorme admiração por ele. Foi uma grande escola. Mais tarde, recebi um convite irrecusável do Zózimo, o mais carioca dos colunistas, que atuava em tabelinha com Fred Suter no Jornal do Brasil. Nenhum dos dois queria mais ralar aos domingos, e me convidaram para trabalhar somente nesses dias. Claro que, pelo meu temperamento, eu não trabalhava apenas no domingo. Naquela época, eu já tinha um computador – jurássico, mas que era ligado ao JB. Como sempre me ligavam para dar nota, quando eu tinha alguma passava para eles. A coluna de segunda-feira era assinada por mim. Foi um *up grade* e tanto," brinca.

Ui! sou bairrista, sim!

De lá, ela foi para O Dia, onde ficou por 10 anos na Coluna Fred Suter. Em seguida, retornou ao Jornal do Brasil, no qual agora tem duas colunas diárias – a Anna Ramalho e a Ui!, esta no JB Barra -, além da crônica aos sábados no Caderno B. "Nesses espaços, falo muito do Rio de Janeiro, que é um personagem da minha vida, meu palco. Conheço muita coisa no mundo. Acho Paris uma beleza, mas Paris foi construída, veio da mão do homem. Aqui, não. Não existe em nenhum canto do planeta essa conjugação de verde, de montanha com mar, com lagoas. Sou louca pela Espanha, por Portugal, a Itália é um deslumbramento. Mas não há lugar mais lindo que o Rio. Sou bairrista, sim. Adoro caminhar pelo Jardim Botânico, pela Lagoa, tenho um prazer enorme de ver o Cristo Redentor, em especial ao entrar na Rua São Clemente, em Botafogo. Gosto muito também de ir à Barra, cujo pôr-do-sol é a coisa mais bonita desse Rio de Janeiro. Amo Santa Teresa, que tem o Carmelo da minha tia. É uma paz entrar naquele convento e fazer uma oração. Eu ia muito com a minha mãe ao Centro quando era pequena, porque ela freqüentava um salão de beleza na Rua Uruguaiana e todas as modistas da cidade se concentravam ali. Conheço aquilo tudo, pois fazíamos compras e lanchávamos na Colombo ou almoçávamos na Confeitaria Manon, que também era muito chique."

Para Anna, O Rio do colunismo que mais marcou foi o de Ibrahim Sued. "Foi um tempo em que havia realmente uma elite. Hoje, existem profissionais liberais de muito sucesso, que são personagens de coluna. Mas antes era uma coisa aristocrata. Minha

mãe tinha um padrinho, Roberto de Aguiar Moreira, que era um *grand seigneur*. Quando fiquei noiva do Ricardo, ele morava numa casa colonial deslumbrante, na Rua das Palmeiras, tombada pelo Patrimônio Histórico. Muito protocolar, ele disse: 'Onorina, eu queria fazer um jantar de noivado para Anna Maria'. E foi uma coisa inesquecível, o retrato de um tempo que não volta mais. A comida era feita em casa, não existia essa história de bufê. A casa estava toda florida com rosas príncipe negro. Havia tudo de melhor: louça da Companhia das Índias, cristais Bacará, baixelas de prata, criadagem de luvas, enfim, uma alta formalidade para uma menina com 23 anos. O Rio tinha esses requintes, no seu alto escalão, uma coisa de ponta, que já passou".

A jornalista lembra que bem jovem foi entrevistar o arquiteto Zanine, no bairro da Joatinga. "Ele tinha uma casa linda e quem me recebeu foi o Tom Jobim. Eu quase tive uma coisa, porque Tom era, naquela época, aos 40 anos, um homem lindíssimo, muito inteligente. Nós conversamos antes de Zanine aparecer sobre o privilégio que era estar vendo dali de cima toda aquela beleza exuberante, todo aquele mar, toda a Barra, que ainda não era o que é hoje, o morro Dois Irmãos. Tive essa visão ao lado de Tom Jobim. Isso é para muito pouca gente. Uma coisa inesquecível para mim. Um tempo que não volta mais, não adianta chorar."

Fã do sanduíche de filé com salpicão do Cervantes, em Copacabana, e da feirinha de antigüidades da praça Santos Dumont, na Gávea, Anna Ramalho também tem olhos de ver... as mazelas da cidade. "Estamos de um jeito muito triste, assustador, de ficar entocado, de ter perdido a vontade de sair de noite. Eu ia às festas e voltava dirigindo sozinha de madrugada para a Barra. Quando me casei, tínhamos casa em Teresópolis e, muitas vezes, pegávamos a estrada às duas da madrugada para lá, na boa. Hoje em dia, vou atravessar a Linha Vermelha a essa hora? É um barulho horroroso e uma sujeira generalizada com esses shows nas praias.

"Acho Paris uma beleza, mas Paris foi construída, veio da mão do homem. Aqui, não. Não existe em nenhum canto do planeta essa conjugação de verde, de montanha com mar, com lagoas"

Vivemos presos no trânsito. Ninguém respeita mais ninguém. E o poder público não vê isso. Se o Rio ficar na mão desses políticos bandalhas, nada vai para a frente. É uma pena. Ainda tenho essa esperança de que alguém faça alguma coisa. Mas tem que fazer correndo, porque eles estão esculachando com a cidade, que só não acaba por completo porque o Cristo Redentor está aqui em cima para coibir. Tenho convicção disso, que é o Cristo que protege a gente." *Dominus solo*, *sine dubio*, Anna.

Se minha cadeira falasse

POR JULIA SANTHIAGO

Sheriff, 1961

Vronka, 1962

O arquiteto Sérgio Rodrigues ganhou o último Golfinho de Ouro de Arquitetura. Ele é coisa nossa. A frase é para ser dita com voz alta e orgulho no peito. Da mesma forma que a Bossa Nova, o Cinema-Novo e o futebol brasileiro, o originalíssimo mobiliário do *designer* ganhou o mundo e fincou bandeira. São objetos que transpiram brasilidade. Se os móveis ganhassem vida, as peças arquitetônicas de Sérgio Rodrigues cantariam a Aquarela do Brasil e saiam sambando por aí.

Na trilha de uma brilhante geração de arquitetos que deram nova feição ao país e o projetaram definitivamente no exterior, surgiu, da prancheta do arquiteto Sérgio Rodrigues, a produção do mobiliário genuinamente brasileiro. Sérgio sempre gostou de criar peças inspiradas no jeito e nos materiais brasileiros. O mobiliário não acompanhava nossa arquitetura, já muito original. Tudo não passava de cópia", lembra. Em 1957. Quando já tinha aberto uma loja de móveis, a Oca, na Praça General Osório, em Ipanema o amigo e fotógrafo Otto Stupakoff lhe pediu um "sofá esparramado", para pôr no seu estúdio.

E assim surgiu o primeiro sofá mole, uma espécie de grande almofadão de couro encaixado numa estrutura de jacarandá e sustentado por tiras de couro. A poltrona que nasceu de forma despretensiosa conquistou prêmios de *design*, alcançou sucesso internacional e faz parte do acervo do MoMa, em Nova York. E os fãs espalharam-se pelo mundo. Foi adquirida pela Rainha Elizabeth, pelo papa Pio XII, por John Kennedy, pelo ex-presidente russo Nikita Krutchev, pelo empresário Roberto Marinho. Mas se a produção chegou a mais de 500 peças e, hoje, só por encomenda, o início não foi tão promissor. A Oca, uma loja com conceito diferente , era também uma galeria de arte e chegou até a ser chamada da Bauhaus brasileira. Foi lá que, em 1958, Sérgio resolveu montar uma exposição do móvel como

Oscar, 1956

Considerado o "pai do móvel brasileiro", como consta na enciclopédia Delta-Larousse, Sérgio contesta o título, dizendo ter sido apenas um dos criadores do *design* brasileiro de móveis e destaca a produção de Joaquim Tenreiro e Zanine Caldas, como co-criadores de *design* à brasileira

objeto de arte e apresentou a poltrona mole. Como toda inovação, casou polêmica. Sérgio conta que havia quem a chamasse de "cama de cachorro". Criticas à parte , a poltrona foi vencedora , em 1961, do do 1º Prêmio do IV Concorso Internazionale Del Mobile, em Cantu, na Itália, vencendo 400 concorrentes de 35 países. Sérgio atribui o sucesso à conquista da brasilidade no desenho de móveis. "Disseram que ganhei o prêmio porque não fiquei dependendo de tendências globais e sim porque valorizei a regionalidade", conta. Feita em jacarandá e com peças volumosas, não usadas na época, a poltrona mole apontou para uma nova forma de uso da madeira e do couro. Sobre ela, o jornalista Sérgio Augusto escreveu: "Ah, a Poltrona Mole! Quem nunca se sentou numa não sabe como é; perdão, na Poltrona Mole não se senta, refestela-se, repimpa-se".

Mas a legião de fãs de seu móveis como as famosas cadeiras Lúcio Costa e Kilim o sofá Meia

Kilin, 1973

"Ah, a Poltrona Mole! Quem nunca se sentou numa não sabe como é; perdão, na Poltrona Mole não se senta, refestela-se, repimpa-se"

Sérgio Rodrigues

Pataca, além da Poltrona Mole, por pouco não experimentariam esses prazeres. Sérgio quase foi ser padre. Cursou dois anos de seminário, mas foi desestimulado pelo diretor por total falta de vocação. O verdadeiro dom veio de berço, vendo o bisavô fazendo desenhos de móveis e dando aos marceneiros para os fabricarem e como conta, desde menino se apaixonou pelos cheiros da madeira. Além disso, em casa, conviveu com os desenhos de seu pai, o artista Roberto Rodrigues. Quando chegou a época da faculdade, Sérgio optou pela arquitetura, pois ainda não havia curso de *design* no Brasil. Mas a preocupação com a ergonomia sempre esteve presente em seu trabalho. E conta que no início usava as dicas de profissionais norte-americanos. As técnicas, segundo ele, eram perfeitas, mas não davam certo com os materiais daqui. "Passei a usar a intuição, fazendo todos da casa experimentarem minhas criações e aí, adaptava", revela.

Considerado o "pai do móvel brasileiro", como consta na enciclopédia Delta – Larousse, ele contesta o título, dizendo ter sido apenas um dos criadores do *design* brasileiro de móveis e destaca a produção de Joaquim Tenreiro e Zanine Caldas, como co-criadores de *design* à brasileira.

No ano passado, aos 80 anos, o Museu da Casa Brasileira premiou Sérgio pela criação da poltrona Diz. Esse novo móvel compõe a decoração de todos os quartos do Hotel Fasano, no Rio. As cadeiras são para Sérgio as peças mais importantes do mobiliário. "A cadeira é como uma roupa que você precisa caber dentro e sentir-se absolutamente confortável", compara o inventor do mobiliário brasileiro.

Katita, 1997

"A cadeira é como uma roupa que você precisa caber dentro e sentir-se absolutamente confortável"

Sérgio Rodrigues

Sonata das cores

Enigma da Carioquice: será o Rio o pote de ouro que se encontra aos pés do arco-íris ou o próprio arco-íris, que faz do pote de ouro seu ponto de partida em direção ao céu? Acertou quem pensou em ambos. Privilegiados são os que vivem em uma cidade-cor. Para nós, pintar de aquarela cada alvorada e poente é um dever de ofício.

Quinta da Boa Vista

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

Enseada de Botafogo

Lagoa Rodrigo de Freitas

Fundição Progresso

Chácara do Céu

Copacabana

Lagoa Rodrigo de Freitas

Centro

Vista da Av. Niemeyer. Ipanema e Leblon

Arcos da Lapa

Maracanã

Jardim Botânico

Penha

Museu Nacional

Ipanema

Olaria

O segundo time de todos os cariocas

por Silvia Vilanova

Atire a primeira pedra quem já não torceu pelo América na vida. A frase repetida com gosto pelo ex-atleta Analdo Niskier, resume a história do queridinho do Rio. Começa com a cisão do Clube Atlético da Tijuca que levou seus dissidentes a criarem uma nova agremiação, em 18 de outubro de 1904. Surgiram três propostas para o nome do clube: Rio Football Club, em homenagem à cidade, Praia Formosa Football Club, por ser o nome da rua em que o clube estava sendo criado, mas a proposta aceita por todos foi a de Alfredo Koehler: América Football Club, em homenagem ao continente.

O América foi o time que abriu as portas para os atletas negros

O ilustre torcedor Arnaldo Niskier, ex-atleta, jornalista e também imortal da Academia Brasileira de Letra

A bola rolou oficialmente no dia 6 de agosto de 1905, num amistoso com o Bangu Atlético Clube. O recém-criado América foi derrotado por 6x1. Nesse jogo, Amílcar Teixeira Pinto se tornou o primeiro jogador a marcar um gol defendendo o América. A escalação do time foi Oswaldo Mohrstedt; Francisco Pinto e Gustavo Bruno; Romeu Maina, Amilcar Teixeira Pinto (capitão) e Nabuco Prado; Alfredo Koehler, Jaime Pina, Durval Medeiros, J.Bermuder e Gustavo Garnett.

O primeiro campo do América foi num terreno baldio, pertencente a Estrada de Ferro Rio D'Ouro, na Rua Pedro Alves. Em 12 de agosto de 1906, houve a transferência para a Rua São Francisco Xavier, 78. Como este campo não tinha as medidas para a disputa de partidas da primeira categoria, o campo do Bangu, na Rua Ferrer, foi o indicado em 1908. Em 1910, o campo do Fluminense, na Rua Guanabara, sediaria as partidas.

Foi só no ano seguinte, com a fusão com o Haddock Lobo Football Club, que o América conseguiu um bom campo de futebol, na Rua Campos Sales, na Tijuca, onde permaneceu por 89 anos, até que em janeiro de 2000, inaugurou um novo estádio, o Giulite Coutinho, em Edson Passos. Com capacidade para 16 mil torcedores, o time brilhou no jogo inaugural, contra o Combinado Carioca, quando venceu por 3x1.

"Convivi no América com o Lamartine Babo. Lembro das histórias que ele contava e essa é umas das coisas que marcaram a minha adolescência, ter podido conviver no América com um dos maiores compositores populares do Brasil de todos os tempos"

Arnaldo Niskier

Um dos ilustres torcedores americanos é o jornalista e imortal da Academia Brasileira de Letras, Arnaldo Niskier, que conta como se aproximou e se apaixonou pelo clube."Quando eu fui morar na Tijuca, onde vivi por 16 anos, a aproximação foi natural, era vizinho do clube. E lá tive uma vida muita intensa como atleta. Fui nadador, joguei basquete pelo juvenil durante 3 anos, depois disputei um campeonato de voleibol também na categoria juvenil, e ainda fiz uma carreira no infanto-juvenil de futebol de campo." A lista de americanos famosos é extensa e eclética a começar pelo compositor de seu belo hino, Lamartine Babo; o síndico, Tim Maia, era outro torcedor fanático e fez uma memorável gravação do hino; o baixinho Romário — que chegou a anunciar que encerraria sua carreira no time —, seguido por Monarco, Gilberto Braga, Giulite Coutinho, os saudosos escritores Marques Rabelo e Genolino Amado, além do jornalista esportivo José Trajano, e do radialista Antonio Carlos. Isso só para citar alguns que vibram ou já vibraram pela maravilha rubra.

Inovações americanas

O América, que foi campeão de 13, 16 e 22, também foi campeão das novidades. Foi lá que surgiu a idéia de usar um meio de comunicação exclusivamente para um jogo de futebol. Numa parceria com a Light, um empregado da empresa dava informações ao público , através de um telefone, do andamento do jogo. A partida, realizada em 13 de julho de 1917, era o clássico América x Fluminense. Outra inovação do América foi a criação de um uniforme diferente para o goleiro. A novidade foi exibida num Campeonato Carioca no dia 5 de maio de 1912, na primeira partida do América Football Club.

O jogador e, posteriormente técnico do América, Belfort Duarte, foi um personagem ímpar. Além de ajudar o time a ser campeão em 1913, trouxe outras novidades para o mundo do futebol. Foi o criador da idéia de saudar os torcedores e os adversários, novidade que foi posta em prática pela primeira vez numa partida contra o

Existe um consenso popular que aponta o hino do América como o mais bonito, por ter sido feito por Lamartine Babo, autor também dos hinos do Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo e Bangu

Botafogo, em 1909. Também teve a idéia de se criar um estádio central, onde todos os clubes filiados pudessem jogar em condições iguais, o chamado campo neutro. Foi baseado nessa idéia que surgiu, para a Copa do Mundo de 1950, o Maracanã (Estádio Mario Filho). Entusiasta do esporte foi quem traduziu as regras do futebol do inglês para o português. E foi quem abriu as portas do América para o atleta negro.

Suas inovações foram muitas e culminaram com a troca do uniforme do clube, em 1908, do antigo preto para o atual, vermelho e branco. Antes dessa mudança os jogadores do América usavam boné preto, dolmã branco, camisa preta, calção e cintos brancos, meias e ligas pretas e calçado branco, um estilo que definitivamente não combinava com nosso clima.

Curiosidades

O apelido dado aos tricolores de pó-de-arroz surgiu numa partida entre América e Fluminense, em 1914. O jogador Carlos Alberto da Fonseca, que era mulato, disfarçava o tom da pele com pó-de-arroz. Ele que já tinha jogado pelo do América sofreu as conseqüências de ter sido um dos dissidentes que abandonaram o clube. A torcida não perdoou e transformou o pó-de-arroz em grito de guerra. A brincadeira pegou e até hoje os tricolores são conhecidos dessa forma.

Mais tarde, o América sofreu uma revanche e passou a ser conhecido, a partir de 1946, como iminência. Isso porque em todos os campeonatos daquele ano ficou na iminência de conquistar os títulos e sempre perdia na decisão. Ou seja, era o time que nadava, nadava e morria na praia. No entanto, uma de suas maiores vitórias foi registrada em 18 de julho de 1951. Nas comemorações de um ano da conquista do título mundial, o Uruguai foi derrotado pelo América, em pleno Estádio Centenário, por 3x1. Lavou a alma dos brasileiros.

1º hino do America

Autores: Soriano Roberto e Americano Maia

Alvi Rubro pendão da vitória
Que os campos de luta se agita
Ao bafejo bendito da glória
Que a lutar e a vencer nos incita

Alvi Rubro pendão defraldado
Sobre a moça energia do forte
Tem em cada um de nós um soldado
Se preciso a marchar para a morte

O América sempre na frente
A vitória é a muito seu hall
Vigoroso, tenaz e valente
Passe, "dimbla", "schot", "goall, goall"

Alvi Rubro pendão posto ao vento
Farfalhado, soberbo as tuas cores
Nos sentimos brotar nosso alento
Novas forças e novos vogores

Nos sentimos ao ver-te, estandarte
Transformarem-se espinhos em flores
Simbolizas, o augusto baluarte
Do campeão, campeão dos vencedores

o mais belo hino

Existe um consenso popular que aponta o hino do América como o mais bonito, por ter sido feito por Lamartine Babo, autor também dos hinos do Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo e Bangu. Arnaldo Niskier conta que teve a honra de conhecer o compositor, "Convivi no América com o Lamartine Babo, já no final de sua vida. Lembro que eu era garoto e entrava no bar da Rua Campos Sales para tomar um guaraná, que era o nosso cachê como atleta, e ele só podia tomar água mineral, porque já estava doente. Ele ficava contando histórias, e essa é umas das coisas que marcaram a minha adolescência, ter podido conviver no América com um dos maiores compositores populares do Brasil de todos os tempos", relembra.

Mas poucos sabem que o América antes de ser brindado com a bela letra de Lalá, teve outro hino, composto por Soriano Roberto e Americano Maia. Ao estilo dos hinos mais tradicionais, não chegou aos dias de hoje ("Alvi Rubro pendão posto ao vento/ Farfalhando soberbo as tuas cores/Nos sentimos brotar nosso alento/ Novas forças e novos vogores...")

substituto do zagallo

Em 1956, houve uma transferência de jogadores do juvenil do América para o Flamengo, por isso, o infanto-juvenil subiu e Arnaldo Niskier passou a ser ponta esquerda no juvenil, onde treinou até que precisou escolher entre ser repórter ou jogador de futebol. "Por causa dessa história, o jornalista João Máximo, contou uma vez no Globo que a saída do Zagallo do América nunca tinha sido muito bem explicada, ele dizia que tinha ido para o Flamengo em busca de melhores oportunidades, mas que não era verdade, ele tinha ido para o Flamengo porque estava sendo barrado por um jovem atleta que vinha das divisões inferiores e que era o tal Arnaldo Niskier. Mas não é

verdade, O Zagallo foi embora para o Flamengo porque o Flamengo oferecia outras vantagens, e ele foi fazer uma das carreiras mais completas do futebol brasileiro, e eu fiquei no lugar dele, pois jogava na mesma posição", esclarece Arnaldo Niskier, que alentada biografia que dele fez José Louzeiro declara repetidamente sua paixão pelo América em vários capítulos.

Niskier segue a máxima contida nos versos do hino de seu clube "hei de torcer, torcer , torcer /hei de torcer até morrer...", e se orgulha de sua fidelidade. "Como não ser América convivendo com os seus jogadores? Primeiro torcemos pelo basquete, depois pelo vôlei, depois a natação, torcemos pelos jogadores e acabamos torcendo pelo clube. Hoje, com muito orgulho e alguma decepção também eu sou um dos bons torcedores do América como primeiro time, porque o América é um clube extremamente simpático, tanto que o segundo de todos os cariocas. Fui sócio-atleta durante alguns anos, e hoje sou, com muito honra, sócio-proprietário do América e membro do Conselho Deliberativo do clube".

a situação atual

Esse ano, o América foi rebaixado na Taça Rio, no dia 5 de abril, o que ocorreu pela primeira vez em sua história, tendo disputado até então, 100 campeonatos cariocas da Primeira Divisão, atrás apenas de Fluminense e Botafogo . As principais conquistas do América são: sete Campeonatos Cariocas, uma Taça Guanabara, uma Taça Rio e o Torneio dos Campeões da CBF.

"A situação do time ficou complicada, mas eu sou uma pessoa fiel, acho bonito ter fidelidade às pessoa e às instituições, e a mantenho com grande dificuldade, torcendo para que o clube saia da Terceira Divisão, venha para a Segunda e depois volte para a Primeira, onde é o seu lugar", finaliza Niskier. E nós também!

Hino Atual

Autor: Lamartine Babo

Hei de torcer, torcer, torcer
Hei de torcer até morrer, morrer, morrer
Pois a torcida americana é toda assim
A começar por mim
A cor do pavilhão
É a cor do nosso coração

Em nossos dias de emoção
Toda a torcida cantará esta canção
Tra-la-la-la-la-la
Tra-la-la-la-la-la
Tra-la-la-la-la-la

Campeões de 13, 16 e 22
Tra-la-la
Temos muitas glórias
Surgirão outras depois
Tra-la-la

Campeões com a pelota nos pés
Fabricamos aos montes aos dez
Nós ainda queremos muito mais
América unido vencerás

Um carioca xenófobo

Wanderley Guilherme dos Santos
Cientista Político

Sou um carioca absolutamente estereotipado. Sou flamenguista, mangueirense, nascido no Catumbi, criado em Vila Isabel e hoje moro em Copacabana.

Guardo da minha infância e juventude as férias passadas no sítio de minha avó, em Campo Grande. Naquela época fazia parte do cinturão verde da cidade, com seus sítios e plantações. E eu ia de trem e conhecia todo o trajeto pela paisagem, com as casas coloridas do subúrbio que traziam na fachada coisas como 'Lar de Fulano de Tal'. Eu conhecia os lares e sabia que chegando a Bangu só faltavam quatro estações para Campo Grande.

Ainda menino, em Vila Isabel, saía no bloco Cara de Vaca, que era organizado pelos bicheiros. O principal deles era o Sr. Leite, um negro enorme e gordíssimo. A ele, as mães entregavam as crianças para o desfile e ele cuidava direitinho. Sempre gostei muito de carnaval e só parei de brincar em 1964, quando tive que passar um ano escondido. Depois fui para a Califórnia, estudar em Stanford, e quando voltei parei de brincar, mas nunca deixei de assistir aos desfiles das escolas de samba. Na avenida ou em casa. Eu tenho três escolas de coração: Mangueira, Vila Isabel e Estácio. Aliás, o Rio é para se "ver de rosa".

Acho sensacional a volta do carnaval de rua, com seus blocos de sujos, totalmente improvisados, os blocos organizados e os Clóvis no subúrbio. Aliás, esses nunca desapareceram completamente.

Embora tenha vivido algumas temporadas fora do Brasil, nunca pensei em sair daqui, especialmente do Rio. Sou um carioca xenófobo. Eu não estudo a história da cidade, mas eu sinto o Rio. Não só as praias, mas os morros, que eu adoro. A gente se acostumou a passar pelo Aterro do Flamengo e não observar aqueles jardins belíssimos em pleno centro da cidade. Aquilo é um deslumbre. Onde mais se vê isso?

Uma outra característica recente da cidade e que eu gosto é a dos malabaristas e acrobatas que povoam os cruzamentos. Eu vejo isso de duas maneiras. Primeiro como uma demonstração de capacidade artística e, por outro lado, talvez, a última tentativa de escapar do tráfico. Uma forma de sobrevivência dentro da semi-legalidade. É uma condição na fronteira da existência e do social. Acho muito importante e penso que eles deveriam ter uma bolsa do governo municipal e estadual, para estudar e continuar a fazer malabarismo e abandonar a tentação do tráfico.

Os sebos da cidade também me encantam. Eu construí minha brasiliana, que está no Iuperj, passeando pelas ruas Regente Feijó, São José, Rosário. Havia muitos sebos antes da invasão dos brasilianistas, que, com seus dólares, fizeram os preços subirem fantasticamente. Havia coisas muito boas, verdadeiras raridades. A cada 15 dias circulava nesses lugares e, mesmo hoje, continuo o meu garimpo pelos sebos do Rio.

A taxa de incêndio existe porque uma vida não tem preço.
CORPO DE BOMBEIROS MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
GOVERNO DO Rio de Janeiro
SECRETARIA DE SAÚDE E DEFESA CIVIL
Aspirante Villaverde
Tenente Rios
Cabo Fonseca
BOMBEIROS
APM-309
Pague em dia a taxa de incêndio para que os nossos heróis continuem em ação.
Saiba mais sobre a taxa:
www.funesbom.rj.gov.br

Nós ajudamos a criar uma fundação na Amazônia. **Para que a floresta valha mais de pé que derrubada.**

A maneira mais realista de encarar as motosserras na Amazônia é admitir que a procura por lucro fácil, a necessidade e a falta de informação são às vezes mais poderosas que a razão. Inibir o desmatamento ilegal de maneira inteligente é mais uma ação concreta do Banco do Planeta por um modo de vida sustentável. Para saber mais sobre essa iniciativa única, acesse o site: **www.fas-amazonas.org** **Banco do Planeta. Investindo, apoiando e informando.**

NEOGAMA/BBH

Fundação Amazonas Sustentável

Bradescompleto

www.bradesco.com.br

Banco do Planeta